

## Caseiras pentecostais: mulheres felizes

*Teresinha Matos*

Mestra em Ciências da Religião – PUC-SP

tere.matos@gmail.com

**Resumo:** O artigo reproduz parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado *Caseiras Pentecostais: Mulheres Felizes. O trânsito religioso em Vargem Grande Paulista*. Reproduz o discurso de mulheres caseiras, residente no bairro do Tijuco Preto, em Vargem Grande Paulista, que deixaram a Igreja Católica e foram para o Pentecostalismo. Elas reclamam das inúmeras dificuldades no tempo católico, em especial problemas de saúde e de falta de emprego e, depois da adesão ao pentecostalismo, se declaram felizes.. As caseiras contam ainda um pouco do seu cotidiano de trabalhadoras residentes num bairro periférico da Região Metropolitana de São Paulo e as carências provenientes dessa situação, como escassez de transporte público, hospitais e obstáculos para chegar à escola.

**Palavras-chave:** caseiras; trânsito religioso; saúde; Pentecostalismo e Tijuco Preto.

**Abstract:** The article reproduces part of the third chapter of the dissertation of master Pentecostais Housekeepers: Happy Women. The religious transit in Vargem Grande Paulista city. It reproduces the speech of women housekeepers, resident in the quarter of the Tijuco Preto, in Vargem Grande Paulista, who had left the Church Catholic and had been for the Pentecostalismo. They complain of the innumerable difficulties in the time catholic, special problems of health and lack of job and, after the adhesion to the pentecostalism, if they declare happy. The housekeepers still count a little of its daily of resident workers in an outlying area of the Metropolitan Region of São Paulo and lacks proceeding from this situation, as scarcity of public transport, hospitals and obstacles to arrive at the school.

**Keywords:** Housekeepers; religious transit; health; Pentecostalism and Tijuco Preto.

## Introdução

O presente artigo reproduz parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado *Caseiras Pentecostais: Mulheres Felizes. O trânsito religioso em Vargem Grande Paulista*, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta dissertação apresenta resultado de pesquisa realizada junto a caseiras<sup>1</sup> residentes no bairro do Tijuco Preto, município de Vargem Grande Paulista, na Região Metropolitana de São Paulo. Foram entrevistadas entre março de 2005 e março de 2006 seis mulheres convertidas do catolicismo para o pentecostalismo.

O trabalho discute a problemática do trânsito religioso na pequena localidade e responder às seguintes questões: Por que elas mudaram de religião? O que elas encontraram nessa nova religião? O que muda na vida dessas mulheres “convertidas”? O trânsito religioso pode ser percebido pelo número de igrejas pentecostais que se instalam no bairro periférico. O pequeno Tijuco Preto, inclusive, já conta com unidades das igrejas neopentecostais, como a Renascer em Cristo.

Os motivos que levaram essas caseiras a transitar para uma nova religião foram em geral problemas de saúde dos filhos, do marido e delas próprias. Essas doenças podiam ser de ordem física e psicológica. Colaborou para a mudança de religião o comportamento dos maridos e a própria ausência da Igreja Católica que, segundo as caseiras, está sempre com as “portas fechadas”.

Os problemas de infra-estrutura do bairro periférico também contribuíram para o isolamento e sofrimento dessas mulheres. Dividido ao meio pela Estrada de Caucaia, o Tijuco Preto é administrado pelos municípios de Cotia e Vargem Grande Paulista. Essa divisão administrativa agrava as dificuldades da população local que tem atendimento hospitalar, transporte e ensino público precários.

Na visão dessas mulheres, que se sentiam abandonadas pelos poderes públicos e pela Igreja Católica, a conversão do catolicismo ao pentecostalismo termina com seu sofrimento. A vida mais regrada, sem álcool ou cigarro, e a dedicação à nova religião transformam suas vidas. Elas passam a se sentir mulheres felizes e vitoriosas, conforme não se cansam de repetir.

Com a mudança de vida, as caseiras têm acesso a bens como casa própria (ou compra de terreno) e carro. A religião também as ajuda a enfrentar sem medo os problemas de seu cotidiano, como desemprego, carência de transporte e de atendimento médico. Como? A rede de proteção pentecostal supre as lacunas deixadas pelo Estado.

---

<sup>1</sup> Mulheres que tomam conta da casa de alguém, especialmente casa de campo, mediante ordenado. Uso a presente definição para a profissão, apesar de Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, p.293, se referir à ocupação como: “...mulheres que ajudam o marido a tomarem conta da casa de alguém...”

## Perfil das caseiras<sup>2</sup>

Por que as caseiras do Tijuco Preto mudaram de religião? Essa é a pergunta que vou tentar responder. A pesquisa limita-se a um universo restrito de mulheres, com as quais fiz entrevistas semidirigidas. Também considerei na análise do resultado uma entrevista em grupo, feita de maneira informal, já que foi realizada na casa de uma das caseiras.<sup>3</sup>

Em outubro de 2004 iniciei os primeiros contatos com as caseiras, fazendo algumas entrevistas testes – sem graválas – para me inserir no universo dessas caseiras pentecostais.

Entrevistei previamente por duas vezes a caseira Elene<sup>4</sup>, que me relatou sua história de uma conversão traumática<sup>5</sup> para a Assembléia de Deus.

A jovem migrante do Paraná no passado havia se embrenhado no mundo das drogas. Elene morou por algum tempo no Tijuco Preto, em Vargem Grande Paulista, quando a entrevistei. Ela voltou ao Paraná e, em 2006, residia em Curitiba. Segundo a caseira Clotilde, tia de seu marido, ela se afastou novamente do pentecostalismo.

A primeira entrevista realizada formalmente para o presente trabalho foi gravada em 3 de março de 2005. Foi ouvida a caseira Clotilde, uma espécie de líder informal do grupo, que foi me indicando algumas outras amigas e conhecidas também convertidas do catolicismo ao pentecostalismo. Alguns meses depois fui entrevistar Flávia, hoje residente no Parque Agreste, bairro popular de Vargem Grande Paulista.

As entrevistas de Elene, por não serem gravadas, foram desconsideradas nas análises, mas há trechos citados no trabalho. Na verdade, entrevistei seis caseiras: Clotilde, Flávia, Heloísa, Pâmela, Lígia e Joana (conforme Anexo 1). O marido de Heloísa, Israel, que estava presente no momento em que a ouvi também foi considerado na análise do material coletado. Todas essas mulheres trabalham ou em algum período de suas vidas já exerceram a profissão de caseira no Tijuco Preto e cercanias. Joana é uma exceção. Apesar de trabalhar em uma chácara no Tijuco, ela atua há dez anos como empregada doméstica mensalista numa chácara, voltando para sua casa diariamente, no bairro Agreste, em Vargem Grande Paulista, no qual reside. Israel também é um caseiro convertido à igreja Assembléia de Deus, adesão feita ainda na infância, quando seus pais também se converteram ao pentecostalismo.

Todo o universo pesquisado é composto de seis mulheres<sup>6</sup> migrantes do interior do Paraná e que vieram para o Estado de São Paulo em geral no início da década de 90. A exceção nesse caso é a Pâmela, jovem que migrou

---

<sup>2</sup> O perfil das caseiras está disposto em um quadro detalhado no Anexo 1, com local de nascimento, idade, número de filhas e filhos, escolaridade, escolaridade dos pais, ocupação, renda familiar e se tem ou não casa própria.

<sup>3</sup> A pretensão inicial era trabalhar com a técnica do Grupo Focal, mas como as condições não eram ideais para essa modalidade de entrevista não obtive os resultados esperados. A pesquisa empírica foi feita com a colaboração espontânea das pesquisadoras Ângela Maria Quintiliano e Valéria Melki Busin, ambas mestrandas em Ciências da Religião da PUC de São Paulo.

<sup>4</sup> Os nomes das mulheres são fictícios para preservar suas identidades.

<sup>5</sup> Cf. Luis Roberto Benedetti, Estudo de Caso em Campinas: Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica, *Cadernos Ceris ano 1*, ao contrário diz que as conversões da Igreja Católica à Assembléia de Deus em geral não são traumáticas.

de Guanabi, interior da Bahia, na adolescência para residir com uma das irmãs. Já Flávia, nascida paulista de Guaimbé, migrou com a família ainda na infância para o interior do Paraná e na juventude veio para a Região Metropolitana de São Paulo. Clotilde, Lígia, Joana e Flávia na infância e na juventude trabalharam na zona rural no Interior do Paraná. Elas atuaram como bóias-frias<sup>7</sup> ou colonas em fazendas de café, lavoura de cana-de-açúcar e plantação de algodão.

Todas cursaram apenas o primeiro grau, não chegando a completar essa etapa da educação formal. Do grupo de mulheres entrevistadas quatro são casadas. Apenas Joana é separada há um ano, fato que consiste em um problema para essa simpática e falante empregada doméstica e que será abordado mais adiante.

Já Flávia é viúva e morou depois da morte do marido, por um curto período, com um companheiro – não-pentecostal. Essa caseira teve mais um filho com esse novo companheiro.

São mulheres trabalhadoras na faixa dos 40 anos de idade e com família pequena, em média, cada uma dessas famílias tem dois filhos. Pâmela, com 20 anos, tem uma filhinha na primeira infância, e Lígia e Flávia, três filhos.

As caseiras entrevistadas em meu trabalho se converteram à maior e mais tradicional igreja pentecostal brasileira, a Assembléia de Deus. Algumas antes de se filiarem definitivamente a essa denominação passaram por outras igrejas, o que é bastante comum conforme a literatura. Cecília Loreto Mariz relata fato semelhante: “Muitos já participaram de outras religiões e/ou igrejas diferentes das que estão agora” (Maris, 2001, p. 19). Clotilde inicialmente freqüentou uma outra denominação para então aderir de vez à Assembléia de Deus:

*Comecei a ir à Igreja Evangélica em Cotia. Não gostei muito. E fui em outras. Falava assim: a única que não queria aceitar Jesus era na Assembléia. E lá mesmo que Deus chamou. Não queria ir. Lá mesmo o Senhor me chamou. Fez o querer dele, não fez o meu.<sup>8</sup>*

A baiana Pâmela na ocasião da entrevista freqüentava há um ano a Assembléia de Deus, Ministério do Belém, do bairro São Judas, em Vargem Grande Paulista. Convertida ainda na infância, a menina nessa fase da vida e na adolescência percorreu várias denominações conforme relata:

*Eu fui da Assembléia, depois sai da Assembléia por causa da minha mãe. Eu era muito nova, então, a gente vai onde a mãe está. Já fui pra Adventista, depois fui pra Congregação e parei agora na primeira igreja que eu era antes, que é a Assembléia.*

---

<sup>6</sup> São elas: Clotilde, Heloísa, Lígia, Pâmela, Joana e Flávia. Israel o marido de Heloísa também foi considerado na análise de dados.

<sup>7</sup> Trabalhador rural que sai diariamente da zona urbana para trabalhar no campo e que não tem contrato de trabalho formal nas fazendas ou na empresa de agronegócio. Ele leva sua marmita (ração diária) fria, por isso esse nome.

<sup>8</sup> Clotilde, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 3/03/2005. O depoimento de Pâmela foi concedido à autora na Chácara Santa Mônica, em 25/03/2006; o de Joana no Parque Agreste, em 9/09/2006; o de Heloísa, no Haras Bela Vista, em 25/03/2006; o de Flávia no Parque Agreste, em 04/03/2006; o de Israel, no Haras Bela Vista, em 25/03/2006 e o de Lígia, no Jardim São Marcos, em 25/03/2006. Todos esses bairros ficam em Vargem Grande Paulista. Da entrevista coletiva participaram Clotilde, Joana e Lígia e foi realizada, na chácara Santa Mônica em 23/09/2006. Esses depoimentos citados ao longo do artigo estão anotados em cadernos de notas da autora.

Joana convertida adulta é a única que não frequenta a Assembléia de Deus. Ela, que mora no bairro Agreste, é adepta da Reviver da Paz. Mas antes dessa opção, a convertida havia frequentado inicialmente a igreja Gideão<sup>9</sup>, em Cotia. A distância e as dificuldades de transporte, que nem todas gostam de externar no discurso (pois crente sempre consegue tudo), a fizeram optar pela igreja Reviver da Paz, que tem uma unidade no seu bairro. Ela conta:

*Saí do Gideão e vim para a Reviver da Paz em Cotia. Era longe, às vezes, o carro quebrava na estrada. Tinha dia que o meu marido não podia ir. E eu não ia porque ele não ia. E por ser longe tinha que ir de ônibus. E se congregasse aqui seria mais fácil. No meu lado da fé, falei com Deus que queria congregar perto.*

Flávia chegou a frequentar a Deus é Amor antes de enviuvar. Seu marido, com uma doença terminal, foi atraído pelo “rigor da doutrina”, conforme conta. Apenas Lígia e o casal Heloísa e Israel nunca passaram por outra igreja. Essas famílias moram<sup>10</sup> em pequenas casas destinadas

aos caseiros em chácaras em condomínios fechados, na verdade residências construídas em terrenos de mil a dois metros quadrados, como a que trabalhava Lígia no dia que a entrevistei. Já Clotilde e o marido João trabalham há seis anos num pequeno sítio, que tem um capão de mata, preservado pelo proprietário. Essas propriedades, no geral, servem de área de lazer para os paulistanos nos finais de semana. Mas muitas famílias passaram a morar nessas pequenas chácaras, fugindo da violência da capital paulista.

Essas chácaras praticamente as mantêm isoladas da comunidade local, pois para as caseiras entrevistadas chegarem à igreja a qual pertencem em geral exige uma boa caminhada (nunca inferior à meia hora) a pé até o bairro Tijuco Preto, localidade estudada<sup>11</sup>, ou ao Parque Agreste, ou ao centro de Vargem Grande Paulista.

Apesar de algumas dessas caseiras, como Lígia, se recusarem a falar em dificuldades e só podermos observar esses problemas dessas famílias em falas sutis, a maioria reconhece que enfrenta dificuldades no transporte, na saúde e para educar os filhos, diante da infra-estrutura precária na localidade, que tinha na ocasião da pesquisa somente um posto de saúde e um hospital sem internação, no município-sede, Vargem Grande Paulista. Em seguida, o trabalho detalha quais são as carências e como essas mulheres as enfrentam. Apesar de toda essa problemática, elas buscam um só objetivo: alcançar a felicidade.

### **Convertidas e felizes**

O processo acelerado de conversão das populações católicas às igrejas pentecostais e, em especial às igrejas neopentecostais, aconteceu no Brasil a partir dos anos 80, realidade que se firmou na década de 90 e na seguinte. Segundo o último censo brasileiro, realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os católicos representavam 73,8% da população e os evangélicos 15,4%. Pesquisa da

<sup>9</sup> Denominação neopentecostal com igreja em Cotia, município vizinho de Vargem Grande Paulista.

<sup>10</sup> As famílias nas quais as mulheres ainda exercem a profissão de caseiras. Flávia era, em 2006, empregada doméstica e Pâmela havia optado por alugar uma casa e ser apenas dona-de-casa.

<sup>11</sup> A autora do artigo fez diversas visitas ao bairro entre 2004 e 2006, conforme caderno de notas.

CNBB de 2005 indicava que o número de católicos havia caído ainda mais, representando apenas 67% da população brasileira (BBC Brasil, 2007).

Clotilde, Lígia, Flávia e Joana se converteram na segunda metade da década de 90. Clotilde e Flávia são convertidas há 9 anos, Joana há 7 anos e Lígia há 6 anos. Somente Pâmela e Heloisa e o marido têm mais tempo de conversão, completaram 16 e 15 anos de conversão, já que adotaram a nova religião na infância e na juventude.

A categoria neopentecostal é utilizada no artigo apenas de modo prático, a exemplo do que fez Cecília Mariz em seu trabalho referido em seguida. Mariz diz que essa categoria é residual e pouco homogênea e que a adotou por falta de uma melhor. Segundo ela, as igrejas neopentecostais se distinguem do pentecostalismo tradicional ou clássico, das igrejas mais tradicionais como Assembléia de Deus. Essas igrejas neopentecostais são bem distintas entre si. Ela acrescenta:

*A distinção entre pentecostalismo e neopentecostalismo também chamado como pentecostalismo autônomo por alguns, também é muito controversa. Muitas vezes como neopentecostal estão classificadas igrejas que surgiram do rompimento de igreja já pentecostal e outras se referem a uma renovação de uma igreja histórica. (Mariz, 2001, p. 31)*

A própria Cecília Mariz, em outra obra, diz que o fenômeno neopentecostal é a pentecostalização ou o pentecostalismo renovado, que surge no interior da igreja protestante histórica. Essa nova igreja pentecostal é mais preocupada com a cura. Essas igrejas têm sido identificadas na literatura sociológica como pentecostalismo periférico ou movimento de cura divina (Velasques; Mariz, 1994, p. 26). Os exemplos de destaque entre essas denominações são a Igreja Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção e Igreja Internacional da Graça Divina (Mariz, 1994, pp. 25-26).

Retomando o tema da conversão, inicialmente vou definir o conceito já estudado por muitos autores. Na verdade, vou adotar a definição de Mariz e de Maria das Dores Campos Machado. Esta última foi buscar a definição de conversão de Pierucci e Prandi: “Da mesma forma que no plano social conversão expressa uma quebra de norma, enquanto no plano individual representa uma ruptura na própria biografia do converso” (Machado, 1996, p. 28). Machado também recorre a Mariz para definir o conceito.

Segundo esta última, a experiência de conversão pressupõe “uma opção consciente do indivíduo”. Ou seja, a pessoa passa a acreditar que pode “mudar sua vida e assumir um comportamento não fatalista” (Machado, 1996, p. 93).

As caseiras falam inúmeras vezes em mudança de vida. “Ah, minha vida é completamente diferente da vida que eu levava antes!”, diz Lígia. Pâmela reforça essa idéia de mudança: “Ah!! Tudo é diferente ..tudo...tudo na vida da gente muda, você sente que Deus tá mais com você, tá mais do teu lado..é isso!!”

Machado traz ainda a questão da dependência da mulher em relação ao marido ou ao pai no universo extradoméstico, processo que em seu entender é inerente à condição feminina, apesar de se notar atenuação desses fatores por causa da escolaridade e inserção da mulher no mercado de trabalho. Mesmo assim essa

autora reconhece que mesmo mulheres escolarizadas enfrentam dificuldades no processo de individuação em sociedades com características patriarcais, como a brasileira. (Machado, 1996, pp. 93-94)

Então Machado questiona se a conversão das mulheres não constituiria uma reação dessas à posição que lhes foi reservada na ordem hegemônica dos gêneros. O objetivo de “se entregar ao Senhor”, ou à “obra do Senhor”, não seria uma forma de facilitar a desobediência?, discute essa autora, que lembra a opção individual da conversão dessas mulheres (ibid, pp. 93-94).

Entre as caseiras entrevistadas não se pode concluir nada a respeito dessa tentativa de reação à posição subalterna. Todas elas, apesar de inseridas no mercado de trabalho, têm baixa escolaridade. Além disso, todas conseguiram, em seguida à própria conversão, a adesão dos maridos.

A liderança de Clotilde na comunidade nos faz pressupor que ela tem uma posição de destaque na comunidade. Ela dirige o coral feminino é líder na escola dominical das crianças, enquanto o marido é apenas um convertido. João é analfabeto e apenas sabe a Bíblia de ouvir e sempre abre mão de ir à Igreja em favor da mulher, pois suas obrigações de caseiro nem sempre permitem que o casal folgue junto.

Para o pentecostal converter-se é curar tanto a alma quanto o corpo. (Mariz, 1994, p. 86) As caseiras entrevistadas nesse trabalho em sua maioria ressaltam problemas de saúde para a mudança de religião. Mesmo que essa conversão tenha ocorrido na infância e por decisão da família – caso de Heloísa e de Israel – sempre há uma história excepcional de cura na família. Heloísa relembra a cura milagrosa de seu filhinho e o anúncio da gravidez:

*É meu filho que é uma bênção que Deus deu na minha vida. Eu tinha medo de engravidar por causa de problemas... Fui numa festividade do círculo de oração. Deus usou uma missionária, que estava na igreja, que veio pregar. Deus usou ela pra falar. Ela falou assim: que tinha uma irmã que tinha medo, medo de engravidar, só que Deus estava dando um filho pra ela naquele dia e ainda é um menino, porque mostrou assim o sapatinho azul... Então daí “passou” poucos dias, uns dois meses assim... depois desse trabalho. E eu engravidei. Foi uma gestação assim um pouco “meia” complicada...O parto foi complicado, passou da hora de nascer, daí ele foi direto pra UTI, daí ficou internado.*

*Ficou 19 dias internado, com pneumonia..... Depois de 19 dias, ele saiu da UTI e foi pro risco médico. Ele já começou a mamar e em poucos dias que ele passou pra lá, ele começou a mamar lá, daí já foi recuperando, recuperando. Daí logo ele saiu e graças a Deus até hoje ele tem saúde. Graças a Deus, Deus tem abençoado...*

As mulheres em geral têm investido em novas formas de expressão religiosas em busca de nova visão de mundo (ethos social). Essa nova visão leva em conta os atributos femininos e apresenta maior afinidade com características femininas, pois essas igrejas valorizam emoções, sensibilidade e afetividade. São religiões que afirmam a centralidade do feminino relacionado à gestação, ao crescimento e à proteção da vida e da família.

Além disso, apontam a mulher como a responsável pela saúde da família, nos papéis de “curandeiras, benzedoras, parteiras, curiosas e rezadeiras”. Resultado: a conversão das mulheres acontece de forma natural, não exigindo uma mudança radical no seu estilo de vida (Guimarães, 2005, p. 179).

As caseiras entrevistadas no trabalho, no geral, têm essa mesma impressão. Elas se sentem mulheres privilegiadas, respeitadas e felizes. Ao longo do trabalho das 85 páginas de entrevistas, pelo menos, 38 vezes elas utilizaram as expressões “sou feliz”, contente, alegre, felicidade e gozo. Assim, se expressa a caseira Clotilde: “E Deus deu a vitória. Para a honra e glória do Senhor Jesus eu estou aqui, “feliz”, meus filhos “casou” tudo, estou feliz aqui com meu esposo aqui nesse lugar e Deus está dando vitória por que ele é Deus na minha vida”.

A obrigação de ser feliz deixa numa situação dúbia Joana, a empregada separada do marido há um ano. Em seu discurso Joana reconhece que nem sempre é feliz, mas a “ditadura” da felicidade vivenciada pelos pentecostais impõe esse papel. “Por arrasado que esteja, pode estar chorando, pode estar triste, sempre estou sorrindo porque sei que vou vencer. Eu hoje penso assim. Não foi fácil a gente achava que não ia vencer”, diz a pentecostal Joana. Mais adiante ela relata que, na verdade, a tristeza existe, mas o crente consegue superá-la com a oração:

*A oração é diferente. Tem dia que eu vou para a igreja e quando eu saio, eu nem preciso pedir para Deus, quando eu volto para casa acabou a tristeza. Tem dia que eu chego do serviço cansada, com os ossos todos doendo, eu falo: ‘ah, Deus... eu não vou para a Igreja não, estou muito cansada’. Mas eu vou me arrastando, eu fui trabalhar antes. Menina, sem mentira, eu saio de lá e não tem dor nenhuma, sumiu a dor.*

Ricardo Mariano diz que diante da crença de que devem ser prósperos, felizes e gozar de saúde, os fiéis tendem a se sentir culpado quando adoecem, ficam desempregados ou enfrentam algum infortúnio. Crentes (lideranças) dessa ‘teologia’<sup>12</sup> chegam a adoecer e esconder sua doença, a fim de não escandalizarem os seus discípulos. Eles acreditam que os males significam falta de fé ou atos de desobediência a Deus, tornando os crentes vulneráveis à maldade do diabo (Mariano, 1999, p. 178).

As caseiras pesquisadas no presente trabalho, em especial as que participaram da entrevista em grupo, não admitem terem qualquer tipo de doença. Elas se consideram mulheres felizes e fortes. O máximo que alegam ter tido é uma “gripizinha”. “Nem gripe esse ano eu peguei ainda”, diz a empregada doméstica Joana. “Gripinha de nada eu pego, mas doenças pesadas...”, reafirma Clotilde.

As caseiras pentecostais e neopentecostais se converteram de fato e por quê? Como eu já adiantei, antes, boa parte delas busca na nova religião cura para elas ou para marido e filhos. Mariz enfatiza que em geral a entrada na nova religião tem um único motivo: a busca por soluções de problemas do cotidiano.

Os fiéis tentam resolver suas aflições, que vão de questões de saúde física e mental (o motivo mais constante entre as caseiras), problemas familiares (solidão, separação, briga na família) e sobrevivência material (dinheiro e emprego) (Mariz, 2001, p. 39). O caso de Flávia é bastante traumático. Ao relatar a história à filha mais nova do jovem caseiro começou a chorar diante do discurso emocionado da mãe. Flávia e seu marido se

<sup>12</sup> Esse autor está se referindo à Teologia da Prosperidade que subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Essa teologia promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Para ele, a pobreza é igual falta de fé, algo que desqualifica quem pretende se salvar. Os adeptos dessa teologia dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que deixassem de ser pobres. O trecho que define essa teologia encontra-se em Ricardo Mariano, na obra Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil, p. 159.

converteram ao pentecostalismo em busca de cura para um câncer ósseo que atacou o trabalhador e que consumiu sua vida em poucos anos:

*la antes. Mas fui mesmo depois que ele ficou doente. Meu marido até ele mesmo dava risada e dizia que os crentes falam demais. Dizia que nunca ia ser crente (e eu dizia: não fala isso...). E ele acabou por aceitar Jesus. Foi mais por ele que me converti. Após a doença, ele falou vamos parar de fumar e vamos ser crentes.*

Flávia faz esse relato e continua: “Por causa da dor. Ficou doente e começou freqüentar a Igreja. Aceitou Jesus. Morreu, mais morreu com Jesus”.

Em muitos relatos os pentecostais apontam esse fator, a dor, como um dos motivos para a conversão. Esse mesmo motivo aparece entre os integrantes da Renovação Carismática Católica, como no texto de Benedetti, Estudo de caso em Campinas: Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática (Benedetti, 2001, p.57). Cecília Mariz diz que o pentecostalismo é um instrumento eficiente para obtenção de saúde, ou para explicar as razões da doença, especialmente entre os pobres com carência de serviços médicos.(Mariz, p. 88, 1994)

O relato de Joana, a empregada doméstica convertida há 6 anos, é bastante emblemático e curioso. O filho de Joana, ainda na infância, sofreu de depressão, o que praticamente desestabilizou a família, que precisou buscar ajuda médica e espiritual.

Apesar de exercer a profissão de empregada doméstica, Joana se mostra uma mulher mais esclarecida e é a pentecostal que toma mais cuidados às críticas proferidas aos fiéis de sua antiga religião, a igreja católica.

Os relatos de Joana em geral são os mais longos, já que as caseiras entrevistadas são mulheres bastante fechadas e só falaram mais na entrevista em grupo, quando achavam que estavam fazendo um trabalho na tentativa de converter a pesquisadora. Eis o relato da conversão de Joana:

*Ele passou com a psicóloga em Pinheiros, acho que no km 11 (da Raposo Tavares), e foram bastante esforçados. Deram carteirinha de passe livre pra ele ir, com direito a acompanhante. Então, eu vejo assim, que a ajuda de Deus pra gente, naquela época, que a gente estava nova no bairro, que só o meu marido trabalhava... e ele trabalhava em firma, não podia estar saindo também... Então foi uma ajuda assim, tão fácil, aquele tratamento que a gente precisava e a gente não sabia nem por onde começar, porque pra nós era um caso novo, uma criança pequena, a gente nunca tinha visto assim nada estranho, inclusive nem nos irmãos, na família que tinha ficado pra trás, nós dois encarar num filho um tratamento assim, a gente não sabia nem por onde pegar. Mas então a gente viu que Deus encaminhou tudo. Pra médico, psicólogo, psiquiatra, e na escola, também, a compreensão da diretora, dos alunos, porque ele parecia uma criança retardada. “Mas essa criança não mexe com drogas?”, ele era assim, tão perturbado, a gente via que ele era perturbado espiritualmente, ele parecia pessoa envolvida com droga. Era coisa assim, estranha, o comportamento. Ele era inquieto, quebrava o telhado do vizinho, quebrava o vidro, e brigava na escola com os outros alunos, e chutava...*

*Eu procurava cuidar desse jeito dele agressivo assim, com as pessoas do meu jeito, eu não sabia como curar. Se fosse uma doença, que a gente nunca tem um filho assim, perturbado. E a gente via que não era normal, mas a gente não sabia que era espiritual. E era espiritual o caso dele, não era um caso assim pra medicina.*

*Apesar de a medicina não acreditar, não ver que existe esse lado espiritual, que é uma doença que a medicina não cura. Ele não conseguiu chegar a nenhum lugar pela medicina. Só quando a gente foi pra Igreja e determinou e ficou em oração. Aconteceu de ter mudança na vida dele assim, de um dia para o outro, com oração.*

A saúde do filho foi um dos motivos que levou Clotilde a aderir definitivamente ao pentecostalismo. Segundo seu próprio relato ela faz uma troca com o Senhor Jesus<sup>13</sup> prometendo a conversão, desde que o menino nunca mais adoecesse:

*Tive o meu primeiro filho, depois veio o segundo, e eu sempre assim, ajudando meu esposo. Só que o meu segundo filho, era doente, tinha uma farmácia dentro de casa. E eu falei, “quer saber de uma coisa, vou acabar com essa farmácia, vou aceitar Jesus e Deus vai resolver, meu Pai, tem misericórdia de mim”. E meu moleque era doente, até chegou um dia no hospital e o médico disse: “olha, essa criança aí, nunca deixe ela pegar gripe, que chegue até a pneumonia, que ela morre”. E eu falei: “o senhor (o médico) pensa assim, mas eu não penso. Deus vai me dar a vitória”. Daí, um dia a febre dele estava tão alta, e eu tinha aceitado a Jesus, e eu aceitei Jesus e não foi pra brincar. E eu falei: Ele dá direito, de você pedir pra Ele com autoridade...E um dia ele estava com tanta febre e meu marido falou (ele não era convertido ainda): “esse menino vai morrer!”. E eu falei: “não vai morrer, eu aceitei Jesus e Ele vai ter que curar!”. Fiz uma oração pro meu filho e falei, bom, meu marido não acredita, eu vou lá fora pegar uma hortelã pra ele ver que eu fiz um chá pro menino. Ai eu fui lá fora... Depois nós dois dormimos. Quando eu acordei, o meu menino não tinha um pingo de febre. Até hoje... O meu menino não podia tomar um refrigerante, o meu menino não podia abrir uma geladeira, não podia beber água gelada, nem andar descalço. Então, olha que milagre que Deus fez... Operou um milagre na minha vida e dali em diante...nós ‘mudou’ ali do Roberto (chácara no Rincão) e começou a mudar a situação.*

A própria Clotilde reconhece que sofria de depressão e que a conversão contribuiu na superação desse problema. Segundo ela, a “vitória” contra a depressão é fruto da oração de toda a igreja. Veja seu relato abaixo:

*E tem outra coisa também, eu quando cheguei pro Senhor Jesus, eu tinha depressão. Eu fazia tratamento com a psicóloga, lá em Cotia. Você sabia que depois que eu aceitei Jesus, eu larguei todo esse lado? Até hoje... Melhorou... Eu ficava nervosa, ia trabalhar na casa do patrão, eu andava quebrando a vassoura no chão, sério mesmo. Eu batia nos meninos. E o João fala: “ai, como eu gosto dessa mulher crente!”. Deus transformou, Tereza, Deus transformou minha vida da água pro vinho, sabia? Esse é o Deus que eu deveria ter aceitado há muito tempo.*

Lígia, a mais entusiasmada das convertidas do Tijuco Preto e que nunca admite qualquer tipo de problema, revela que sua adesão ao pentecostalismo também foi fruto da procura por cura de um problema de coração, surgido em sua última gravidez. A pentecostal era uma ex-fumante. Ela conta:

<sup>13</sup> Um compromisso muito semelhante a uma promessa comum entre o povo que pratica o catolicismo popular.

*Aí depois eu fui pro Paraná. Lá eu comecei assim...fazer o tratamento... tudo certinho!! Aí foi um dia eu falei: - Senhor!! Eu não agüento mais. O Senhor tem que me curar desses “problema”, Pai! Comecei a pedir ao Senhor. Quando passado uns “dia“ depois, eu fui fazer os “exame”, aí no exame não deu mais nada. Fiz vários exames. Sarei, graças a Deus!!!*

Os convertidos ainda na infância também têm diversas experiências de curas para relatar. Heloísa falou da enfermidade do filho recém-nascido e Israel contou relatos de cura vividos pela mãe e pelo irmão:

*Porque eu tiro o exemplo de mim, minha mãe, as “bênção” que minha mãe recebeu, minha mãe tinha nós quatro mais “veio”. Ela tava pele e osso, quase... Foi Deus que curou ela. Ela parou de fumar, ela era magrinha, magrinha, aí ela foi liberta de tudo isso. Hoje, ela é mãe de onze filhos.De quatro pra onze (filhos) !!! Quer dizer que hoje ela é uma pessoa forte. Então... se ela contasse mesmo o que ela recebeu... O meu irmão! O meu irmão mais velho tinha começo de “acesso”. O médico diz que ele tem que tomar o remédio, o remédio direto pra não dá a crise nele. Ele fez uma campanha na igreja aqui em Vargem Grande, por um mês, ele vinha sozinho tinha 14 anos. Ele foi curado. Até hoje ele num deu aquele ataque mais, nem precisou tomar remédio.*

Pâmela, a mais jovem das caseiras pentecostais, disse que não lembrava de nenhuma experiência de cura.

### **Conversão: palavra e canto atraentes**

Mas muitos outros motivos pesaram no momento da conversão das caseiras do Tijuco Preto. As alegações vão da procura da nova crença por curiosidade, porque parte da família já era evangélica e até no interesse pelo canto e pela palavra clara dos pastores, em geral homens saídos do meio popular tanto quanto os fiéis das camadas baixas, como pode ser observado na literatura. Clotilde admite que os primeiros passos no caminho da conversão foram definidos também por influência da família e por curiosidade. Ela conta:

*A minha família, a metade, é evangélica e eu não queria saber nada com nada. E através disso Deus foi trabalhando o coração. O povo evangélico foi chamando. Fui por curiosidade. Cheguei lá e acabei aceitando Jesus como único salvador meu.*

Waldo César diz que a palavra no culto pentecostal vai além do sermão. Na verdade, o autor ressalta que “nem sabe se pode falar em sermão num culto pentecostal, uma vez que toda a liturgia parece ter a mesma ênfase, a mesma força doutrinária e catequética” (César e Shaul, 1999, p. 72).

A palavra se complementa com os demais atos do culto e vai além da simples exegese do texto bíblico. Também é usada para reforçar compromisso com o dízimo, de evangelização e normas de conduta. O tema central é a luta contra o mal, embate realizado por meio da santificação pessoal (ibid, p. 72). Lígia faz um relato desse embate entre o mal e a vitória do “Deus do impossível”:

*Às vezes a gente vê uma pessoa igual um mendigo, no mundo das drogas, no mundo das bebidas, no mundo dos hippies, porque muitas coisas acontecem, então, a gente vê aquela pessoa, aquele cabelo, parece que nunca viu um pente, nunca viu uma água, então, gente que é homem, que é humano, vê aquilo e pensa “não tem mais jeito”. Mas aquele homem que está caído ali, Deus faz dele um grande homem. Porque na casa do Senhor tem desse tipo de gente, que Deus tirou ele do lamaçal, que aquilo ali é um lamaçal do pecado, porque ele está ali no lamaçal, o diabo está oprimindo ele ali. Então ele é arrancado dali e feito um grande homem. E hoje em dia você olha aquelas pessoas, tem homens assim na casa do senhor, ele foi tirado debaixo da ponte e hoje é um grande homem, ele é um homem de luz, é uma pessoa que brilha, é uma pessoa bonita, que anda bem arrumada. Às vezes, tem a rapaziada que usa drogas, você passa e vê, aquele rapaz drogado, mas aquele jovem, Deus faz ele um grande jovem na presença d’Ele.*

*Quantos jovens eram desse jeito e hoje em dia estão na casa do Senhor, libertos, louvando e purificando na casa do Senhor. Ali, Deus separa algo maravilhoso pra ele, Deus tem plano na vida daquele jovem. Às vezes a gente olha assim, “ah, não tem jeito”, mas o nosso Deus é o Deus do impossível, Ele alcança coisa que o homem não alcança.*

A atração pela música cheia de significado dos pentecostais leva muitas pessoas a aderirem a essa religião. O canto, com forte poder de comunicação (ibid, p. 88), é parte importante no culto pentecostal dizem os autores. Waldo César ressalta que o canto no pentecostalismo é sempre doutrinário, tem letras e melodias muito simples e interpõe-se ao longo de todo o culto (ibid, p. 88).

Nas Assembléias de Deus, visitadas<sup>14</sup> para o meu trabalho, pude perceber claramente a dedicação dos crentes com essa atividade e seu papel nos cultos. As tardes de sábado nas igrejas pentecostais costumam ser destinadas ao ensaio dos corais infantis e das mulheres. Clotilde e Heloísa se dedicam muito ao ensaio do coral infantil e das mulheres no bairro de São Judas em Vargem Grande Paulista. Na Assembléia de Deus do Tijuco Preto as tardes de sábado também são tomadas pelo ensaio das crianças, como pude perceber numa das visitas.

Flávia lembra que a maneira do pastor pregar a Palavra e os hinos evangélicos contribuiu para sua opção pelo pentecostalismo. Ela relata: “Comecei ir para a Igreja e gostar de ver o pastor pregar e dos hinos que cantavam. E comecei a ir e aceitei Jesus e com meu marido também aconteceu à mesma coisa”. Chegar mais perto de Deus, ou seja, eliminar os intermediários, é um dos motivos alegados por essas mulheres pentecostais para a mudança de religião. Podemos ver isso no discurso de Lígia e Clotilde:

*Olha, eu converti assim, eu tinha a vontade assim, de conhecer Deus, de chegar mais perto de Deus! Mais perto, aí eu pedi a direção de Deus, pra que Deus “vinha” mostrar os “caminho” verdadeiro, porque eu tava indo na igreja católica e não tava sentindo. Porque quando a gente vai numa igreja, tem que sentir o amor de Deus! Eu falei: Senhor!! venha mostrar pra mim qual é o caminho certo. Senhor!! Pra que eu sirvo?<sup>15</sup>*

<sup>14</sup> A autora do trabalho foi duas vezes ao culto e escola dominical na Assembléia de Deus – ministério do Belém Jardim São Judas, em Vargem Grande Paulista, nos dias 25 de março de 2006 e 7/09/2006. Na AD-ministério do Belém do Tijuco Preto acompanhei por uns minutos o ensaio do coral infantil da escola dominical, quando as crianças ensaiavam a canção “Chuva de Prata”, no dia 15/07/2006.

<sup>15</sup> Lígia, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Jardim São Marcos, Vargem Grande Paulista, 25/03/2006.

*Não é mudança de religião. Encontrei o Deus vivo, você clama e ele responde. Antes clamava e nada acontecia. Clamava para o Deus errado... É clamar e Ele te responder... Encontrei o Deus que precisava.*<sup>16</sup>

Os convertidos, em especial das camadas sociais mais baixas, buscam no pentecostalismo solução para seus problemas cotidianos, como os citados acima. Os crentes tentam resolver questões que os afligem que vão de doenças, tanto físicas quanto espirituais, desemprego, falta de dinheiro. Mariz lembra que esse tipo de solução é uma opção tanto para os pentecostais, como para os carismáticos católicos, definidos por muitos autores como católicos bastante próximos dos pentecostais (Mariz, 2001 e 1994 pp. 39 e 25-26).

Outra vez fui buscar no discurso das caseiras expressões que indicassem esse modo de pensar também entre essas convertidas ao pentecostalismo. Nas falas das caseiras são comuns verbos que mostram um Deus ativo, que “faz”, que “opera”, que “dá”, que “cura”, que “supre”, que “resolve”, que “manda dar pão”, entre outros benefícios.

O Deus ou Senhor Jesus das caseiras entrevistadas no Tijuco Preto “*abre as portas*”<sup>17</sup> de emprego e da moradia. No mínimo, oito vezes essa expressão foi usada nas entrevistas para se referir a um Deus que ajuda a resolver problemas de desemprego e de saúde na família.

“Eu pedia para Deus me dar um emprego..e foi Deus que *abriu aquela porta*”, disse Joana. “Nessa parte, eu acredito que Deus *abriu as portas* para o tratamento”, prosseguiu a empregada doméstica.

“A gente pede pro Senhor e Ele *abre uma porta* de emprego para a gente”, diz a alegre e entusiasmada Lígia. “Quando um irmão nosso está desempregado todos entram em campanha e oração para Jesus *abrir a porta* e até um ímpio é usado”, completou a caseira Clotilde.

Uma das expressões mais frequentes nas falas das caseiras entrevistadas na pesquisa é “Deus dá”. Segundo o discurso delas, Deus dá saúde, dinheiro, comida, carro, vitória, pão, bênçãos, casa e condições para uso do transporte. Esse verbo foi o usado com mais constância pelas mulheres e homens entrevistados.

“Penso em construir a casa e tenho um carro que Deus deu”, fala Clotilde. ...”Tudo que falta que “nóis” pede, Deus dá !!”, completa Lígia. ...”Deus estava dando um filho para ela naquele dia...”, diz Heloísa. “Ah, Deus, se o Senhor quer que eu mude de vida, tem que me dar condições de eu ir de ônibus. E deu, hein”, conta Joana<sup>18</sup>, relatando a história que a levou a abandonar o uso de calças compridas, uma das exigências da santidade pentecostal.<sup>19</sup>

Outra expressão comum às caseiras pentecostais é “Deus faz”, citada pelo menos nove vezes nos discursos das mulheres ouvidas na pesquisa. “aí Jesus, o Senhor vai fazer um milagre!!”, diz Clotilde, referindo-se à definição de uma vaga de emprego para a qual ela tinha pouca chance.

<sup>16</sup> Clotilde, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 03/03/2006.

<sup>17</sup> O grifo em itálico da expressão abre as portas foi proposital para destacar o discurso das mulheres.

<sup>18</sup> Joana, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

<sup>19</sup> Os crentes têm na maneira de vestir austera um dos traços de sua identidade. A maioria das igrejas pentecostais tradicionais, como Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil, proíbe o uso de calças compridas.

A expressão “Deus cura” é comum no discurso dos pentecostais. “Foi Deus que curou ela”, comenta Israel, relatando a cura de sua mãe, uma ex-fumante, bem magrinha. Já Lígia lembra que o “Senhor tem que me curar” desse “problema”.

As caseiras do Tijuco Preto usam ainda outros sinônimos para o verbo “fazer”, como “operar”, para ressaltar os benefícios da conversão e as soluções proporcionadas por ela para os problemas de saúde, desemprego e falta de alimentos na mesa. Disse Lígia: o Senhor “opera” maravilhas (curas).

### **Tempo católico: vida de sofrimento**

O tempo católico inicial praticamente é apagado da vida dessas mulheres, que em todas as entrevistas dizem não se lembrarem de nada. “Lembrar mesmo eu não lembro muito! Porque eu ainda era bem nova”, diz Heloísa, caseira paranaense convertida ainda na infância.

“Da infância eu não lembro”, diz Clotilde, que repetiu essa frase pelo menos duas vezes no dia da entrevista. Heloísa também insistiu nesse refrão por duas vezes. Enfim, todas as caseiras se recusaram a falar da vida religiosa antes da conversão.

Esse “mistério” foi desfeito no dia da entrevista em grupo. Todas elas concordaram em falar do tempo passado em uma espécie de pacto, na tentativa de fazer proselitismo com a pesquisadora. Essa reação é percebida e explicada nos discursos de Joana e de Clotilde sobre o tema.

*Sim, nós vamos ter que falar a verdade porque um dia elas vão precisar, igual nós estamos precisando hoje. Como ela falou, Deus ainda vai trabalhar na vida dela, e isso a gente viu desde o começo, que a gente não está aqui por acaso, nem um simples encontro, foi Deus quem preparou.<sup>20</sup>*

*Eu não tenho muita saudade de pequena, não. Uma, que eu passava uma fome tremenda, e eu não gosto de lembrar disso. E Deus fala, no momento que nós aceitamos Ele, as coisas passadas vão para o esquecimento, mas hoje eu vou falar para a honra e a glória d'Ele.<sup>21</sup>*

A partir do pacto, durante a entrevista em grupo realizada na casa de Clotilde, para a qual todas as caseiras entrevistadas na pesquisa haviam sido convidadas, as três mulheres pentecostais passam a falar da infância. São algumas das falas mais longas das caseiras do Tijuco Preto.

No relato emocionado tanto de Clotilde, como de Lígia, a memória é de um tempo de muito sofrimento, fome e vida dura. Elas também reclamam que não eram felizes. Somente Joana admite que tinha uma vida normal:

*...Começamos tudo novinho, trabalhando na roça. Meu pai já era morto, quando minha mãe botou eu pra trabalhar na roça, com nove anos de idade, pra trabalhar. Ali comecei trabalhar, com onze anos, trabalhava e*

<sup>20</sup> Joana, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

<sup>21</sup> Clotilde, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

*estudava. Depois, minha mãe comprou uma casa no Patrimônio<sup>22</sup> e nós fomos morar no Patrimônio, e minha mãe largou o trabalho nessa fazenda. Aí nós fomos trabalhar numa fazenda de cana. Ali, trabalhei, trabalhei, até a idade de 18 anos...*

O relato acima é de Lígia, que em outro trecho da sua história de vida do seu tempo de católica admite que não era uma pessoa feliz:

*Quando ele estava com 11 meses, eu voltei pro Paraná de volta grávida dessa menina... Aí lá, eu tive essa menina minha. Aí lá nós ficamos um bocado de tempo, eu comecei a trabalhar na casa de algumas mulheres... Quando ela estava com uns quatro anos, aí eu aceitei Jesus. Foi nessa época que eu aceitei Jesus. **Eu não era feliz** antes... A minha irmã já era crente, a outra quando foi daqui pra lá (no Paraná) já era convertida ao Senhor também...e elas começaram a me falar do amor de Deus... e aí eu ia na Igreja Católica assim e pensava, “meu Deus, eu venho na Igreja Católica, mas não tem aquelas palavras bonitas...”, os católicos não têm essas palavras bonitas que vêm do coração.*

Já a descrição da infância de Clotilde é “carregada” de emoção. A caseira conta com muitos detalhes a vida de sofrimento na roça e queixa-se da falta de Jesus em sua vida. Em nenhum momento as caseiras rememoram qualquer passagem ou participação em eventos do catolicismo popular, bastante comum no interior e em fazendas, como novenas, procissões ou romarias a lugares santos. Clotilde relembra a vida dura de criança, tendo enfrentado o trabalho rural a partir dos oito anos:

*Não foi um mar de rosas não, mas Deus me deu vida até aqui. Quando eu tinha oito anos, eu comecei a trabalhar na roça. Depois, quando eu tinha treze anos o meu pai morreu. Eu sentia uma tristeza... Via a minha mãe assim, aquele monte de criança passando necessidade... Ai, que tristeza... Tinha dia que nós ia trabalhar, e não tinha nada o que comer.*

Ao contrário, Joana admite que sua vida na infância não foi difícil e que a adolescência foi tranqüila. A empregada convertida diz que “teve sua religião” e conta em breves palavras que fez a primeira comunhão e foi crismada. Eis o relato:

*Eu nasci em Paranaíba, mas fui criada em Tapejara do Oeste, que é perto de Cruzeiro D’oeste. Morava na roça, então eu cresci na roça, não vi como eu “fui transportada da cidade pra roça”, mas eu cresci na roça e trabalhei até os quinze anos na roça. Na roça,... em casa. Assim, a minha infância foi na roça. Não foi difícil... era num sítio e foi gostoso. Ali onde eu estudei um pouco, tive as minhas amizades, tive a “minha religião”. Fiz a primeira comunhão, fui crismada. Aí, quando eu tinha quinze anos, a minha mãe mudou pra cidade... Então, não foi difícil a minha infância, minha adolescência, foi tranqüila. Depois que eu casei, aí é uma vida diferente...*

<sup>22</sup> Patrimônio: expressão usada no meio rural para definir pequena povoação ou bairro... Essa definição é da autora do trabalho feita a partir da sua vivência, pois não encontrei o termo no dicionário Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

### Tempo católico: vícios e problemas

O tempo católico é lembrado pelas caseiras entrevistadas como um período de opressão, pelo cigarro, pela bebida; de dificuldades, de preocupações, de briga, de desespero, de desânimo, de falta de alimentos, de doença e de igreja fechada, entre outras mazelas. Em especial Lígia reclama da opressão, que significava os vícios do cigarro e da bebida em sua vida. A literatura mostra que muitos convertidos fazem a opção pelo pentecostalismo para se livrar desses vícios.

No artigo *Alcoolismo, gênero e pentecostalismo*, Mariz diz que há elementos específicos na visão de mundo dos pentecostais que são bastante úteis no combate à pobreza e ao alcoolismo. (Mariz, 1994, p.82). Mônica Tarducci confirma – baseada em Molineaux - que essa religião serve ao interesse prático das mulheres e um desses benefícios proporcionados pela conversão é o fim de condutas masculinas nocivas para as mulheres como violência, alcoolismo e infidelidade (Tarducci, 1994, p. 160). O depoimento de Lígia confirma essa tese da autora:

*Era uma vida oprimida. Eu vivia no vício do cigarro! “Muitas vezes” não tinha assim, não tinha serviço, “as vezes” pro meu esposo assim. Meu esposo também vivia na mão da bebida, no mundo do vício, do cigarro, então assim. Foi pra mim uma vida muito difícil, muito difícil mesmo! Mas graças a Deus hoje eu sou feliz.*<sup>23</sup>

No tempo católico, os maridos de Lígia, Flávia, Clotilde e Heloísa bebiam. Os maridos de Clotilde e Flávia também fumavam. Todos deixaram esses vícios para trás. As caseiras entrevistadas asseguram que seus maridos não eram violentos antes da conversão. “Não, era calmo”, conta Lígia, falando que mesmo alterado pela bebida alcoólica seu marido nunca praticou qualquer tipo de violência em casa. Joana, por exemplo, diz que ela e o esposo bebiam apenas socialmente:

*Não posso explicar, sempre fui abençoada (na vida material). Meu marido e eu bebíamos socialmente. Não éramos de vícios. Meu marido nunca teve vício. Tudo era socialmente e quando passamos a ser evangélico esquecemos e nem vimos que fez falta. Hoje, bebo refrigerante e tomo café.*

Israel, marido de Heloísa, fala da diferença do período em que deixou o pentecostalismo na juventude e da vida evangélica. Muitos jovens crentes na adolescência e juventude abandonam a religião e depois retornam ao modo de vida pentecostal. Mariz destaca o afastamento dos jovens da Igreja, confirmando o relato de Israel (Mariz, 1994, pp. 36-37).

*Quando eu tinha meus 18 anos eu andava nos “bar” bebendo, eu fumava, eu andava “farreando”. Hoje não faço nada disso. Agora é de casa na igreja e às vezes saio para dar um conselho pra uma pessoa. A gente fala: o que pode fazer e o que não pode. Então, se eu tivesse no “mundo” do jeito que eu ia indo, talvez eu não*

<sup>23</sup> Em outro trecho da entrevista em grupo Lígia compara o tempo católico com o evangélico e diz que o marido “vivia no mundo da bebida, no mundo do jogo, no mundo da prostituição”. Lígia, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

*estaria mais vivo. Muitos “colega” meu já “foi”, da minha idade já “foi” e no caso se eu tivesse junto até hoje, provavelmente eu nem existiria mais.*

O relato de Israel apresenta claramente a diferença da vida no tempo católico e no tempo evangélico para os homens das classes populares. As mulheres também deixam para trás o tabagismo, bebidas alcoólicas e a depressão.

Outra dificuldade no tempo católico para essas mulheres convertidas é a falta de dinheiro para comprar remédio, para alimentos e para material escolar, enfim suprir necessidades básicas para uma família. Clotilde reclama:

*Doença era assim, ia ao médico e ele passava a receita e chegava em casa e guardava, pois não tinha dinheiro para comprar o remédio. E escola também passava o uniforme e também não comprava uniforme. Passava aquela humilhação. Não tinha como comprar o uniforme. Trabalhava. Trabalhava e nada dava. Era uma humilhação.*

Clotilde reclama não apenas da falta do dinheiro, mas também da falta de bênçãos sobre os alimentos, que minguavam de repente: “Faltava tudo, praticamente tudo, especialmente o leite do meu filho. Tinha doença. Faltava leite para os filhos. João comprava leite e não era suficiente para quinze dias. Antes do final do mês o produto acabava”.

Ao contrário, Joana admite que mesmo no tempo católico sua vida “era normal” e ela não passou dificuldades, já que o ex-marido trabalhava em empresas formais e depois foi trabalhar por conta própria. Esclarece a empregada residente no Parque Agreste: “Mesmo quando eu não trabalhava, meu marido sempre me deu de tudo, pros meus filhos, inclusive viagens...Eu sou do Paraná, meus pais são de lá, todo ano ele pagava a passagem pra mim e pros meus filhos viajarem”.

Lígia é outra que não admite momentos ruins em sua vida. Ela reforça que mesmo no tempo católico seus filhos não ficavam doentes: “Não lembro”. A caseira apenas dá respostas monossilábicas quando é para falar do tempo anterior à conversão.<sup>24</sup>

Um relato bastante inusitado é o de Clotilde que compara o valor do dinheiro para o católico e para o crente. Segundo ela, numa tarde de compras no comércio popular de Pinheiros, São Paulo, com a mesma quantia em reais (R\$ 50,00) sua irmã, uma crente da Assembléia de Deus, e ela, uma católica, trouxeram diferentes quantias de compras. Nos relatos na literatura especializada eu não encontrei nada parecido:

*Clotilde, vamos até Pinheiros fazer compras de roupa? (minha irmã convidou) Vamos?, respondeu ela. Saímos as duas com R\$ 50,00. Ela comprou, comprou muita roupa com seu dinheiro e eu voltei com duas coisas. Jesus mostrava o que era o dinheiro de um crente e o do ímpio. Deu tristeza no coração. Perguntei para a minha irmã e ela explicou: ‘O meu (dinheiro) é abençoado e o seu não, pois eu dou o dízimo. O seu não tem multiplicação’.*

<sup>24</sup> As próprias caseiras explicaram no momento da entrevista coletiva. Na opinião dessas convertidas, não é recomendável falar do tempo passado, antes da conversão.

Faço outra pausa, agora para falar do dízimo. Waldo César reforça que a doutrina do dízimo faz parte do compromisso moral da maioria dos fiéis pentecostais. Esse autor cita a pesquisa do Iser “Novo Nascimento”, que indica que a prática de dar 10% do salário na igreja é comum até mesmo entre fiéis das igrejas protestantes. Segundo ele, a contribuição faz parte do orçamento familiar ou pessoal (César e Shaull, 1999, pp. 53-54). As caseiras do Tijuco levam bastante a sério essa doutrina e a utilizam como moeda de troca sagrada, como acontece com a promessa dos católicos populares. Clotilde explicou claramente como entende o dízimo:

*Não sei.. Igual a Bíblia fala .Tem gente que ignora<sup>25</sup>, que estamos dando dinheiro para o irmão. Quando se é católico não entende muito isso. Uns entendem até, mas não fazem. Começa a dar o que é do Senhor e as coisas multiplicam-se. Tudo multiplica, Nada Deus deixa faltar. Se você não tem. Traga o dízimo na casa do Senhor para não faltar alimento na sua casa e para fazer prova de mim. Se não dá o dízimo para o Senhor, como é que se faz a prova? E se não fizer prova, como ele vai te dar (que é 10%). É Dele? Hoje eu dou tudo certinho o que é d’Ele e clamo o Senhor, Teresa, e Ele responde. A minha fé é grande nisso aí.*

Quase todas entrevistadas admitem que o tempo católico era um tempo sem religião, sem sacramentos e sem igreja. A única que admite um pouco de felicidade no tempo católico é Joana. Por que essa negação? A igreja estava sempre de portas fechadas, de forma verdadeira, ou simbolicamente, já que estas reclamam da frieza com que eram recebidas ou tratadas.

*Vou falar bem a verdade. Eu vim aqui pra São Paulo, e eu acho que eu fui umas três vezes na igreja no Tijuco. Sempre que eu ia, estava fechado... “Ah, isso não é coisa de Deus não, vou procurar outra em Deus, porque uma igreja fechada? Tanta gente precisando de uma oração, tem que estar aberto pra pessoa entrar e conversar com Deus. E ficava fechado....*

A crítica de Clotilde é completada pela de Joana, menos contundente: “Dia de semana, você chega, não é qualquer hora que está aberta a Igreja Católica”.<sup>26</sup> Já Flávia admite nunca ter freqüentado e ido à Igreja Católica apenas no dia do batismo das filhas: “Nunca fui à Igreja Católica, quando morava no Tijuco. Sabia que tinha igreja. Mas não ia. A última vez que fui, foi no batizado da Joyce (a filha que em 2006 tinha 16 anos). Agora Joyce batizou na Assembléia de Deus”.

Para as caseiras convertidas o tempo católico era um período sem sacramentos. Elas não admitem terem freqüentado a missa e muito menos terem feito a primeira eucaristia, sacramento ministrado aos católicos praticantes ainda na infância:

*Não, não, eu nunca fiz porque a gente... num fez isso..(primeira eucaristia). Na minha casa acho que ninguém fez, chegou a fazer.... assim.... Porque é assim, os pais da gente eram católicos, mas não era de ir na igreja.*

<sup>25</sup> Aqui a expressão tem o sentido popular de “não compreende”.

<sup>26</sup> Joana, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

*Antigamente, a turma não era assim muito de freqüentar. Meus pais não eram de ir na igreja.* <sup>27</sup> *Não, nunca fiz a Primeira Comunhão. Minha mãe nunca deixou. Eu lembro que ia...* <sup>28</sup> *Fazer primeira comunhão é tomar hóstia? Lembro que minhas coleginhas “tavam tudo” fazendo e ainda me “zuavam porque eu não fazia, entendeu.”...* <sup>29</sup>

Enquanto Pâmela (acima) se queixa da chacota feita pelas coleginhas por ela ser “diferente” no interior da Bahia, Joana é uma das poucas a admitir ter recebido os sacramentos no seu tempo de catolicismo:

*No meu mundo católico que conheci e cresci foi gostoso* <sup>30</sup> *Fiz catecismo, crisma e casei. Eu fiz tudo... casei na Igreja Católica...Era vida normal. Me converti. Na conversão há um chamado para servir a Deus. Não há opção. E foi num momento de dor...*

A mais entusiasmada das convertidas, a caseira Lígia, reconhece que às vezes ela assistia a missa <sup>31</sup>: “Não, eu ia naquele negócio que eles “fala”...missa...só. não participava da comunidade católica”.

As mulheres pesquisadas também falam somente de sentimentos negativos quando admitem relembrar qualquer passagem do tempo católico. Segundo elas, além das dificuldades materiais, as convertidas enfrentavam desunião, tristeza, timidez, desamor, falta de carinho e opressão. Esta última palavra é citada inúmeras vezes pelas entrevistadas. Mônica Tarducci, que pesquisou mulheres pobres convertidas ao pentecostalismo, também destaca que as mulheres da periferia de Buenos Aires são pobres, oprimidas pelas dificuldades e desesperanças (Tarducci, 1994, pp. 143-163). Na sabedoria de mulheres simples, as caseiras do Tijuco se reconhecem oprimidas: “eu era uma pessoa oprimida, eu era uma pessoa triste”, disse Lígia. Joana reclama da falta de diálogo na família:

*Porque quando a gente era católica, não tinha união em casa, tinha contenda, um não entendia o outro... É uma vida totalmente diferente (após a conversão), pra falar a verdade. Se o marido quer discutir com a mulher e a mulher com o marido, ele vai pensar duas vezes...*

“Um tempo sem Deus, sem graça e sem o caminho certo”, assim as mulheres convertidas definem o tempo católico. “Não tinha um Deus”, reclama Clotilde. ...”e antes não tinha o caminho certo”, acrescenta Lígia. As caseiras do Tijuco Preto convertidas ao pentecostalismo colocam – com muitas poucas exceções – o tempo católico e o tempo evangélico em dois patamares diferentes. No primeiro impera a opressão, o sofrimento, a falta de emprego e de dinheiro.

No segundo período, descrito a seguir, é feito somente de benesses.

<sup>27</sup> Heloísa, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Haras Bela Vista, Vargem Grande Paulista, 25/03/2006.

<sup>28</sup> Em outro trecho do seu relato, Pâmela disse que era obrigada a ir à missa pelos professores de ensino regular.

<sup>29</sup> Pâmela, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 25/03/2006.

<sup>30</sup> A empregada doméstica está se referindo ao tempo católico. Esse trecho foi retirado da entrevista individual, em um dos poucos relatos que as convertidas admitem alguma felicidade no tempo católico.

<sup>31</sup> Principal celebração da Igreja Católica, na qual é rememorada a morte e ressurreição de Cristo.

### Tempo evangélico: vidas transformadas

As seis caseiras entrevistadas na presente pesquisa dizem que tiveram suas vidas transformadas após a conversão. De uma vida de sofrimento, segundo elas, passaram a uma fase de vida na qual a alegria passou a predominar. Ficam literalmente para trás as faltas e carências e passam a vivenciar período de “fartura” material e espiritual.

O tempo evangélico, categoria usada na pesquisa, tem uma preponderância de “situações” positivas. Esse tempo é um período onde reina o amor, a paz, a felicidade e a libertação dos vícios, concordam todas. Nesse novo tempo Deus age, atende aos pedidos dessas mulheres, acontecem curas. Com a conversão, as mulheres entrevistadas já não temem dificuldades, enfermidades, fracasso, a timidez, a falta de emprego. Ao mesmo tempo, as mulheres pentecostais passam a ser protegidas pelos santos (irmãos), têm uma vida plena, totalmente preenchida de atividades e regrada.

As caseiras entrevistadas no trabalho referem-se praticamente somente a ganhos na vida depois da conversão. “Eu tive religião no passado. Agora eu tenho Jesus”, decreta exultante Clotilde. “Hoje sou alegre, feliz (para mim tudo que eu tenho, Jesus me dá)”, acrescentou a caseira.

As mulheres, objeto do presente estudo, concordam que hoje elas têm espaço para sentimentos como amor, paz, satisfação, união e felicidade. Mas elas concordam que continuam se deparando com lutas.

“Lutas, todos nós temos. Se o crente não tiver luta, ele tem que orar, porque Satanás não está preocupado com ele”, afirmou Clotilde. “Vocês podem não estar passando por luta, mas eu estou”, decreta Joana, que vivenciava na época da pesquisa uma dolorosa separação do marido, também um neopentecostal convertido à igreja Reviver na Paz: “O católico tem luta, mas ele não expressa luta... “Ah, o meu pai está doente”, isso é uma luta. “Ah, o meu filho está doente”, isso é luta, “Ah, eu estou desempregado”, isso também é uma luta pra pessoa”.

Essa é no entender da empregada doméstica Joana o significado de luta. Apesar de estar vivenciando, um período de luta, a convertida pentecostal relembra que no geral o povo crente não tem tristeza e nem qualquer tipo de depressão:

*Tanto que eu não sei se, eu não conheço, eu desconheço um crente passar por psicólogo, psiquiatra, por ter depressão. Tanto que desde a separação do meu casamento, eu acredito que se eu fosse uma católica, eu já tinha que ter ido procurar médico. Pra depressão, pra alguma coisa, porque mexe muito; eu estou só na igreja, porque Deus é o médico dos médicos.*

O tempo evangélico é um tempo de saúde, de libertação dos vícios, de fartura, de cura, entre outros benefícios materiais e espirituais. Israel fala desse tempo sem dificuldades de maneira muito clara:

*Ah!! Eu falo assim porque os “problema”, as dificuldades, pra mim, “acabou” tudo, melhora muito tanto faz, na vida financeira, na vida da gente de doença, de enfermidade. Tudo melhora muito. Então, a gente cada vez*

*a gente vai melhorando mais. Eu xingava!!! Eu não podia dar um tropicão que eu xingava... Hoje não, hoje eu caio, bato, bato aí eu to falando...Oh! meu Deus do céu, e a palavra de xingar não vem então. Muda muito, a gente...Deus transforma a vida da gente de uma maneira!!!*

Clotilde relembra em um único episódio que ela arrumou um jeito de pagar uma operação e seu marido conseguiu um emprego:

*Eu estava doente e clamei ao senhor. Cheguei do hospital nervosa. Me deu uma ira. O médico mandou fazer papéis e queria cobrar (pela cirurgia). Deu um nervoso e esqueci que eu tinha Deus vivo. Cheguei e joguei o papel e sentei e coloquei a perna embaixo da cama. Me ajoelhei e clamei: "Senhor Jesus preciso de duas bênçãos: emprego para esposo e operação, se deitar o que vou comer?" Dormi. Ouvi em sonho que Senhor estava com duas bênçãos para dar. Busquei. Desci em oração e fui buscar em oração e antes de levantar o joelho alguém bateu palmas no portão. Era um "irmão" que veio perguntar o que havia acontecido com a operação. Eu disse: "Não deu certo" Depois veio a vereadora e eu disse que ela pagasse. Ela (a vereadora) disse que arrumava tudo para mim. "Glória a Deus, a pessoa já chegou", eu disse. Daí o dia já tinha passado. Eram dez horas e já havia dormindo e naquele dia não fui à Igreja. A irmã veio dizer: Clotilde liga para meu marido amanhã, que ele vai pegar ele (o João) para trabalhar no asfalto. Ele trabalhou por três meses. Tempo suficiente para eu levantar (durante três meses) e pegar na jornada. Ele (meu marido) arrumou emprego E foi coisa que nunca arrumou, para ganhar tão bem. Coisa de Deus.*

As caseiras convertidas ressaltam a importância da libertação no tempo evangélico, tanto dos vícios quanto das doenças. "Aceitei Jesus e pedi primeiro minha libertação e depois liberto meu filho dessa enfermidade", clama Clotilde. Ela relembra a libertação do marido do vício do cigarro, num evento cheio de emoção e dor:

*Meu marido também foi liberto do cigarro. Ele fumava, que ele fumou desde criança. Daí, um dia, porque Deus é assim, você aceitou Jesus, você tem que "conhecer a Verdade e a Verdade vos libertará". Então, você está indo à igreja, você está conhecendo a Verdade. Do momento que Deus viu que você está conhecendo a verdade... Daí um dia, Deus deu uma enfermidade no ouvido dele, ou você vem pelo amor, ou vem pela dor. Ele deitou dentro do bosque, ele estava trabalhando, e não estava escutando, e ele disse: "Olha, Senhor, o Senhor cura meus ouvidos, que de hoje em diante, eu não ponho um cigarro na boca!". Você sabe que nunca mais... nunca mais, sabia?*

Flávia, Lígia, Clotilde e Israel relatam passagens de libertação do cigarro e da bebida sua, de seus cônjuges e parentes. "Cigarro não gosto de ver nem o cheiro mais, Graças a Deus, Deus me libertou", diz Flávia. Todos concordam que depois disso, no tempo evangélico, a vida delas ou de seus entes queridos melhoraram. Episódios semelhantes são relatados em toda a literatura especializada relatada por autores como Mariz, Campos, Tarducci e Burdick (Mariz, 1994 e 2001; Machado, 1996; Tarducci, 1994; Burdick, 1998).

Vidas de pessoas livres e com bens. Assim, as caseiras entrevistadas em minha pesquisa enxergam o tempo evangélico. Apesar de continuarem com seu modo de vida simples e ocupações de empregados domésticos, ou seja, trabalhando como caseiros, ou de empregada doméstica em casas de famílias ou em chácaras, as caseiras conseguem fazer um pé-de-meia e adquirem casa própria, terreno e carro usado.

“Penso em construir a casa e tenho carro que Deus deu, nem pensava em conseguir. Casa que é sonho de qualquer um de nós”. O discurso de Clotilde<sup>32</sup> sobre a casa própria é parecido com as das demais caseiras. Joana e Flávia também destacam a casa própria como momento material mais importante de suas vidas.

Apesar de pertencerem à Assembléia de Deus, igreja pentecostal tradicional, as caseiras valorizam bastante a aquisição de bens e em seus discursos são vistos como bênçãos, ou seja, quem não tem casa, carro etc não é abençoado. Com certeza, isso pode significar que a Teologia da Prosperidade adotada pelos neopentecostais começa a ganhar espaço entre os frequentadores de igrejas pentecostais clássicas.

Essa teologia, segundo Mariano, faz relação entre pentecostalismo e sucesso econômico. Esse autor destaca, entretanto, que essa teologia está distante do puritanismo calvinista. As riquezas obtidas pelos protestantes mostravam seu estado de graça ou eleição à vida eterna, conforme Weber. Eram resultados do trabalho cotidiano, metódico e racional somado à severa disciplina do fiel. Este abdicava dos prazeres e das paixões do mundo e se desinteressava das coisas materiais. (Mariano, 1999, p.184) Mariano explica:

*No pentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente do protestantismo ascético, sobretudo da vertente calvinista. (Ibid, p. 185)*

Esse autor reforça que isso não significa que o neopentecostalismo ou a Teologia da Prosperidade não tenha afinidade com o capitalismo. Tem uma afinidade, mas esta é diferente da adotada no puritanismo. Aqui abandona a crença no trabalho como vocação e no ascetismo intramundano. Para esses crentes brasileiros, a poupança é vista como algo legítimo e desejável ao cristão. Ela defende o estímulo ao consumo e ao progresso individual e um acentuado materialismo (ibid, p. 195).

Essa teologia nasceu nos Estados Unidos. Para Mariano, ela não faz uma única crítica ao capitalismo, à injustiça ou à desigualdade social, nem aos desequilíbrios econômicos do mundo globalizado. Para esse autor, na verdade essa teologia é altamente pré-capitalista. Em seu entender, ela propõe ao indivíduo – não ao coletivo – elementos de natureza psicológica que o ajudam de maneira acentuada na melhora da auto-estima, aumento da autoconfiança, vontade de prosperar e esperança no futuro (ibid, p. 195).

Isso pode ser percebido claramente na fala das mulheres entrevistadas ao longo do meu trabalho. Antes elas não possuíam casa, carro e terreno. Agora elas têm e acreditam que vão conseguir esse objetivo. Clotilde relata a história do marido que obtém um empréstimo do patrão e não precisa recorrer a um financiamento na loja de material de construção:

*Vou cortar o assunto dela... eu pensando que eu poderia ter a minha casa. Eu pensava, por onde eu vou começar, é tão cara, as coisas. Daí, o João falou, “vamos fazer um empréstimo”. Olha como Deus trabalha. Pra nós conseguir fazer esse empréstimo, precisava do CPF dele [do patrão]. Eu falei: “ih, João, isso aí ele não vai dar nunca. Ele é bom em tudo, mas nessa parte”... Mas eu falei, vai lá e tenta. E lá foi ele com a folhinha, orando a Deus. Aí, ele chegou lá... “olha, João, o meu CPF, eu não empresto, só que eu vou fazer*

<sup>32</sup> Clotilde no final de 2006 já estava erguendo em seu terreno a casa própria dos sonhos.

*melhor pra vocês, você me traz a folha pro depósito que eu vou ver como é que fica. Daí, ele pegou a folha do depósito e falou, “não, esse dinheiro do depósito, eu te arrumo, você paga de pouquinho pra mim”.*

Outros benefícios materiais como emprego, moradia, compra de carros e até abundância de alimentos são vistos pelas caseiras pentecostais como marca do tempo evangélico. O sonho de um emprego para o marido é pedido por Lígia e entendido como um benefício concedido por Deus. Lígia conta a experiência de desemprego do marido e a estratégia para conseguir novo trabalho:

Eu estava na casa do meu patrão, limpando, e o meu marido, fazia um ano que ele estava desempregado. Aí, eu falei pro

*Senhor, “Senhor, tanta gente que serve ao Senhor, tem sonhos. Eu também tenho sonhos, realiza meus sonhos, Pai. O sonho que eu mais queria, Senhor, era um emprego para o meu esposo”. Três dias depois, Deus abriu a porta. E nós também tem que ter o sonho de Deus. Cada um de nós tem um sonho, só que tem que falar pra ele.*

Clotilde, mesmo após a sua própria conversão e a do marido, viveu diversas experiências de falta de emprego, recorrendo sempre ao Senhor e à ajuda dos irmãos crentes:

*Chegava eu e outro irmão orando. Chegava cedo. Pedia: “Jesus abre a porta de emprego e moradia”. Nós estávamos quase perecendo. Temia o mal, que não se pode temer. Pedia ao Senhor que abrisse portas do emprego e Deus abriu. Foi aqui nessa chácara. Tudo trabalhado por Deus.*

Flávia também reconhece que sua vida no tempo evangélico melhorou muito, deixando de faltar emprego. Um tempo com emprego e com a casinha. Eis seu relato: “Mudou bastante. Antes faltava serviço para trabalhar. E agora se falta um, eu já arrumo outro. Deus tem me abençoado. Agora tenho as coisas e a casinha”.

O tempo evangélico para as caseiras entrevistadas é um tempo de felicidade, alegre e feliz, onde “tudo é maravilha”, mas essas trabalhadoras reconhecem que mesmo nesse período enfrentaram preconceitos de diversas formas, desde os de ordem religiosa, até os de gênero. Flávia, por exemplo, diz que ela e o marido perderam o emprego de caseiros depois que o patrão tomou conhecimento da conversão do casal:

*Falamos que íamos nos batizar. E ele disse se fossemos para Igreja, ele não ia aceitar na chácara, ia mandar embora. E meu marido disse: seja o que Deus quiser. E a gente chegou e o patrão mandou embora. Mandaram embora porque éramos evangélicos e eles católicos e o meu marido estava doente.*

Flávia enfim queixa-se da discriminação que sofreu já no tempo evangélico por causa da religião, da doença do marido e ainda por ser mulher. As outras caseiras, ao contrário, dizem que se sentem respeitadas enquanto mulher e enquanto crentes. “A gente se sente respeitada sim”, falou Lígia. Clotilde reforça isso e mostra que o pentecostal, homem ou mulher, tem uma forte auto-estima:

*Sinto que tenho valor como mulher. Todas me tratam bem, com carinho. Você se vê com outros olhos. É valiosa a sua presença. Sente um amor. Quando se tem amor, vemos as coisas com outros olhos, outros sentidos. Antes não tinha amor.*

Flávia que continuou no comando da família, após a morte do marido, reclamou da falta da confiança do patrão no trabalho da mulher: “O patrão achava que eu não ia dar conta da chácara. Eu fazia o serviço direito. Mas eles achavam que sem o homem na casa, a chácara não iria para frente”.

O tempo evangélico, segundo as mulheres pentecostais entrevistadas, é um período que não tem espaço para pensamentos ruins. Elas aproveitam integralmente esse tempo ocupando-o com atividades na igreja. “Mente cheia, porque mente vazia é morada do Satanás”, enfatizou Clotilde. Lígia durante a entrevista em grupo explica com detalhes essa vida preenchida totalmente pela participação na igreja pentecostal, deixando de lado qualquer atividade em outro tipo de associação:

*Porque a mente vazia, ela pensa em muitas coisas que não é da parte de Deus. Então, a partir do momento que a gente aceita Jesus, a gente não tem mais a mente vazia. A gente, quando está em casa, a gente está sempre glorificando a Deus, agradecendo a Deus pela saúde, liga um rádio, vamos louvar ao Senhor com um hino, é alegria. As pessoas católicas, elas envolve muito, assim... vê um problema, vê uma luta, ela fica o dia inteiro, às vezes vai até meses pra sair aquilo da mente. O crente, não. Não fica mais com aquilo na cabeça. Às vezes, tem casos de pegar até depressão... O crente não tem isso.*

Tarducci que estudou a prática religiosa de mulheres pentecostais na periferia de Buenos Aires percebeu que no grupo pesquisado praticamente todas as mulheres disseram não participar de associação de bairros ou esportiva, apenas duas delas revelaram estar inseridas nesse tipo de associação. A maioria das mulheres pentecostais somente participava de atividades na igreja, ou no máximo, visitava parentes e vizinhos (Tarducci, 1994, pp. 152-153). Clotilde e Lígia costumam visitar vizinhos doentes, propondo orações com vistas à cura.

### **Tempo católico x tempo evangélico**

Quando se analisa os discursos das caseiras no tempo evangélico se percebe que esse é um tempo de amor e paz, tempo de família, de união (no qual reina a alegria), de satisfação, de libertação e de irmão pronto para atender os que precisam.

Mas as caseiras do Tijuco não negam dificuldades, desemprego, abandono e doenças, superadas todas com a “ajuda do Senhor”. Quando essas mulheres confrontam os dois tempos – o católico e o evangélico – o segundo sempre sai em vantagem em termos de felicidade e objetivos concretos alcançados. A diferença vai do entendimento da Palavra de Deus, objetivo alcançado por Clotilde após a conversão, até a união com outros irmãos e o sorriso no rosto descrito por Joana:

*Lia a Bíblia, mas não entendia. Porque na Igreja Católica é assim, você lê a Bíblia, mas só que o padre fala diferente. Tá ali. (nossa Bíblia (sic..) são uma só). Mas ele não explicava o que estava ali dentro. Para mim não. Na Igreja assim, na Igreja Evangélica é mesma coisa que uma aula e tudo explicadinho, tudo certinho. Vai pedindo sabedoria ao Senhor, vai penetrando no coração e na mente e acaba entendendo.<sup>33</sup> A mudança de ser católica e agora ser crente (transformação na vida). Sem fé não se chega a lugar nenhum... Tudo que passei era a fé e a união nas lutas. A união é fé que vai vencer. Nunca perder a fé, a esperança, a força. Por arrasado que esteja, pode estar chorando, pode estar triste, sempre estar sorrindo porque vai vencer. Eu hoje penso assim: não foi fácil, a gente achava que não ia vencer.<sup>34</sup>*

A empregada doméstica Joana descreve a quase “obrigação” de ser feliz do pentecostal. Depois ela lembra que essa síndrome da felicidade contribui para superar depressão, separação e outros contratempos do cotidiano. Veja como Joana descreve o contraponto entre os dois tempos:

*Era muito frio, na Igreja Católica. Do jeito que eu ia, eu voltava. Se eu ia triste, eu voltava triste, se eu ia depressiva, eu voltava depressiva, e aquilo nunca tinha uma mudança na minha vida, como hoje a gente sente que tem essa mudança. Tanto que eu não sei se, eu não conheço, eu desconheço um crente passar por psicólogo, psiquiatra, por ter depressão. Tanto que desde a separação do meu casamento, eu acredito que se eu fosse uma católica, eu já tinha que ter ido procurar médico. Pra depressão, pra alguma coisa, porque mexe muito; eu estou só na igreja, porque Deus é o médico dos médicos. Eu nunca precisei faltar no meu trabalho, na minha casa eu levo aquela vida normal, encarando essa separação como um trabalhar de Deus na vida do meu marido e sabendo que ele vai voltar, que é pra uma mudança na vida dele, não é pra uma tragédia, entendeu...*

Clotilde, por sua vez, reclama da discriminação em relação à raça no tempo católico. Ela achava que o fato de ser negra fazia as pessoas destinarem a ela um tratamento frio na Igreja Católica. Clotilde fala desse seu sentimento:

*Vou te falar bem a verdade. Naquela igreja existe racismo... no povo de Deus não tem nada disso. Você chega, o mesmo que o lindo faz, o feio também faz. Então, Deus trabalha de uma maneira geral, e na Igreja Católica, não, eles já te põem... Não sei agora, faz dez anos que eu não vou, não posso ficar falando, mas estou falando de antigamente. Não participava de nada... Eu estava caída, uma pessoa assim, deprimida, um chute já bastava pra mim cair no abismo. Então, eu cheguei na igreja (crente) e encontrei aquele carinho, um amor...*

Clotilde e Lígia são as duas únicas negras do grupo. John Burdick observa esse mesmo sentimento de Clotilde em Jacqueline, negra de 25 anos, que reclama que os brancos de um bairro periférico de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, a observavam pelo canto dos olhos. Esse autor diz que a presença dos negros é mais constante na Assembléia de Deus e na Umbanda. Nessa primeira, um terço da comunidade é negra, com metade dos

<sup>33</sup> Clotilde, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 3/03/2005.

<sup>34</sup> Joana, depoimento concedido à autora, caderno de notas, Chácara Santa Mônica, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

presbíteros negros, além de muitos diáconos e auxiliares da cor negra (Burdick, 1998, pp. 116-117). A opinião é compartilhada por Mariano, que diz que os pretos e pardos superam a média da população brasileira nas igrejas pentecostais (Mariano, 2004, p. 122).

Clotilde tem posição de destaque na Assembléia de Deus – Belém, unidade do bairro São Judas, em Vargem Grande Paulista. Uma negra forte e bonita, a caseira paranaense comandava entre 2004 e 2007 uma turma da escola dominical das crianças e o coral das mulheres. Sua irmã, também negra, e o marido são responsáveis pela visita aos doentes na comunidade.

### **A vida difícil e alegre das caseiras**

Com muito custo as caseiras<sup>35</sup> do Tijuco Preto admitem falar das dificuldades existentes no bairro. Um dos maiores problemas do pequeno vilarejo é sua posição geográfica. Por quê? O bairro fica nos limites dos municípios de Vargem Grande e de Cotia. Essa divisão administrativa inviabiliza serviços públicos únicos. As propriedades que ficam do lado direito da estrada de Caucaia do Alto no sentido Raposo Tavares/Caucaia do Alto – onde está o condomínio Chácaras do Rincão, no qual residiram Clotilde e Flávia - são administradas pelo município de Cotia que cuida do bairro de maneira relapsa. Enquanto os que moram no outro lado da estrada são atendidos pela cidade de Vargem Grande Paulista que oferece serviços públicos mais abundantes.

No condomínio Chácaras do Rincão a iluminação pública foi financiada pelos moradores, que ainda planejam asfaltar as ruas do condomínio e cuidam da segurança. Essa divisão administrativa do bairro entre dois municípios dificulta a vida dos que moram na região. Enquanto a população pobre fica perdida e não sabe a quem recorrer, os proprietários das chácaras não enfrentam problema algum. Essas propriedades em geral funcionam como casa de lazer de muito dos proprietários, que no período curto que ficam por lá dificilmente precisam ir a um pronto-socorro, ou usam serviços públicos de ensino ou assemelhados.

A maior dificuldade admitida pelas caseiras é a falta de uma rede hospitalar, ou de pelo menos um Pronto Socorro 24 horas. Elas apontam outras carências como escolas distantes, falta de transporte, escassez de emprego e de lazer na região. Também se queixam das dificuldades no abastecimento. Enfim, o Tijuco Preto oferece muito pouco em termos de infra-estrutura para os trabalhadores residentes no bairro.

Mas nenhuma das caseiras participa de qualquer associação comunitária ou se preocupa em encaminhar qualquer tipo de reivindicação aos poderes públicos. Burdick, Bobsin e Novaes falam da presença de líderes pentecostais em associações de bairros, em especial quando os católicos deixam espaço para isso, ou quando o movimento é conduzido por entidades não ligadas a movimentos religiosos (Burdick, 1998; Bobsin, 1984 e Novaes, 1985).

Heloísa reconhece que não há nenhum movimento organizado entre os pentecostais com o propósito de reivindicar melhorias para os bairros periféricos de Vargem Grande:

---

<sup>35</sup> Quando falo das caseiras me refiro ao grupo de entrevistadas.

*Acho que a igreja não é assim lugar apropriado pra gente fazer isso (reivindicar melhorias para o bairro). Eu acho .. eu sei, mas eu to falando assim...mas ninguém pensa isso não (juntar os irmãos para reivindicar). Ninguém nunca pensou assim de fazer. (movimento na igreja para reivindicar hospital). É..mas é que nunca ninguém comenta nem nada então a gente não... O bairro é pequeno no setor, no ministério do lado da sede tem! (movimento para reivindicar hospital). Até agora ninguém fez não (movimento exigindo um hospital)..*

A queixa de Flávia que morou alguns anos no Rincão deixa bem clara essa situação de carência do bairro:

*Meu bairro, onde morava? Era muito difícil para levar a criança no médico e na escola. Era difícil para levar crianças na escola e para ir fazer compras. Para ir a Cotia tinha que pegar ônibus. Tinha que ir a pé ao Tijuco e depois tomar ônibus. Ficava difícil.*

Clotilde faz uma reclamação ainda mais contundente durante sua participação na entrevista coletiva:

*Uma vez eu chamei a ambulância, chamei pra minha nora, demora muito... É muito difícil. Eu oro a Deus pra que eu nunca precise de noite, porque eu sei que vai ficar complicado. É um lugar perigoso, se bater na porta, ninguém atende. Tem que ter o telefone de um irmão, pra ligar pro irmão, pro irmão vir, né, porque bater em porta... Na verdade, eu atendo, uma vez tinha uma velhinha daqui debaixo bateu aqui, pra chamar uma ambulância pra ela. Era de noite, três horas da madrugada, "oh, Clotilde chama a ambulância". É a dificuldade que a gente tem, que é longe, é longe pra ir pra igreja. Mas olha o trabalho de Deus, Deus me deu uma casa perto da minha igreja, perto da farmácia, perto de tudo, até do hospital. É uma coisa que acho difícil.*

Nesse caso, Clotilde está se referindo às dificuldades que enfrenta qualquer morador das vizinhanças, ou seja, caseiros que residem em propriedades isoladas, distante da sede do município. Em 2006 essa caseira morava no bairro Santa Mônica, distante cerca de cinquenta minutos a pé de um local onde há posto de saúde, supermercado e outros benefícios.

Clotilde, Flávia, Pâmela e Heloísa concordam que há forte deficiência no serviço de saúde dos bairros periféricos de Vargem Grande, como o Tijuco Preto e cercanias. “Eu acho que se tivesse um hospital aqui mais próximo seria bom, né! (já que não tem nem em Vargem Grande e nem no Tijuco Preto)”, diz Heloísa que mora em um condomínio em Vargem Grande.

Aflição mesmo viveu Flávia que peregrinou por um bom tempo por hospitais buscando cura para o câncer ósseo, que acabou por tirar a vida de seu marido. A caseira, que nessa época residia no Tijuco Preto, conta:

*Tinha que esperar (a ambulância) na estrada, pois a ambulância ia e não achava (a chácara). Eu ia buscar (o socorro) na estrada. Ficava na frente do condomínio. Caso contrário, meu marido não era levado ao hospital. Ia lá na estrada esperar.*

Já Joana – que parece mais informada – além de se converter ao pentecostalismo foi buscar ajuda médica para o filho com depressão infantil e teve todo o apoio na escola e no posto de saúde do Tijuco Preto, que

encaminhou seu filho para tratamento no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Conta Joana, que nessa mesma época se converteu ao pentecostalismo:

*Eles provaram (sic), deu a doença, deu um código da doença e tudo. Eu assim, eu tive um convite pra ir na igreja (Gideões, em Cotia). Nesse momento, eu não sabia como fazer, o que ia acontecer lá na frente. Então, eu fui fazer uma visita e gostei. Foi um momento assim que eu estava em desespero...*

Em seguida, a empregada doméstica Joana conta sobre o apoio que recebeu da saúde pública local e também dos professores da escola que seu filho frequentava: “Fui em psiquiatra, psicólogo e neurologista (tratar o filho). A escola recomendou que procurasse o Conselho Tutelar e fazer tratamento. Havia oportunidade para ele ir à escolinha”.

A caseira Lígia também não reclama da falta de atendimento médico, mas relembra que quando o filho era bebê precisou ficar internado em Cotia, já que nem no Tijuco Preto e nem em Vargem Grande há serviço de saúde com internamento.

Flávia reclama com clareza dessas deficiências, normal em qualquer periferia de grandes cidades. Disse ela: “Falta no Tijuco um hospital bom. Para levar criança ao médico é preciso pegar ônibus ir para Caucaia do Alto. Falta um posto 24 horas. Ali feriado.... Agora no Carnaval (de 2006) ficou a semana toda fechado. Nesses feriados prolongados eles emendam”.

Outro problema encarado pelas caseiras entrevistadas: a dificuldade para levar os filhos à escola ou mesmo para um jovem adulto frequentar um curso supletivo. Pâmela não conseguiu concluir o supletivo de primeiro grau. Ficou grávida e a caminhada de mais de meia hora a impediu de continuar os estudos. Ela conta: “Eu fazia o supletivo, a quinta e sexta série. Não, eu parei de estudar porque eu engravidei dela (da menininha). A escola fica no Centro da Vargem Grande. E eles (a prefeitura) não dão transporte ...É terrível”.

Clotilde, Flávia e Joana falam nas entrevistas das caminhadas que enfrentavam sob sol e chuva para levar os filhos pequenos à escola. Joana relembra esse e outros problemas com os quais se deparou logo que se mudou para o Parque Agreste, bairro a uns cinco minutos de distância (de carro) do Tijuco Preto. Nessa época, a empregada doméstica que tinha os filhos pequenos (hoje eles são adultos) os trazia a pé ao Tijuco Preto para estudar. Ela relata:

*Meia hora (tempo gasto para ir do Parque Agreste ao Tijuco Preto). Do pré até a segunda série íamos a pé para o Tijuco e depois passou a ter escola no Agreste. Não tinha luz, não tinha água de rua, não tinha esgoto. Nesse período, passou a ter escola aqui no bairro.*

Joana relembra que o transporte escolar foi implantado há pouco tempo. Flávia reclama da qualidade da escola e disse que não deixa sua filha de 15 anos, que na época da entrevista (realizada em 2006) fazia o segundo grau numa escola estadual em Caucaia do Alto, estudar no Parque Agreste ou no Tijuco Preto. A ex-caseira aproveita e se queixa da falta de emprego para jovens nessa região. Disse a pentecostal:

*A escola não tem muita solução! Ali, no Parque Agreste, tem escola. Mas eu não deixo minha filha estudar ali. É muita bagunça. Não deixo minha filha estudar lá. Ela estuda em Caucaia do Alto. A minha filha pequena está louca para trabalhar. Aonde trabalhar? Mas não tem emprego. Ela tem 15 anos Ela quer ser estilista. Tem até desenho de roupa.*

Pâmela também critica a falta de emprego e de ensino profissionalizante:

*Ahh!!! Aqui tudo é dificultoso...E...olha....serviço assim...não tem muitas firmas!! Emprego...pra empregar... é difícil pra arrumar um emprego bom...Até pra você fazer alguns “curso”! É difícil. Se vai fazer pela prefeitura demora um século pra te pegar.*

Heloísa, ao contrário, não se queixa de problemas para levar os filhos pequenos à escola. Na vizinhança do condomínio onde a caseira reside há uma escola, na qual um de seus filhos estuda. “Não ela encontra com a amiguinha dela aqui do lado do condomínio. Ela encontra na portaria lateral e elas vão juntas. Tem mais criança que estuda ali do lado”.

Lígia informou que seus garotos menores vão ao colégio em um transporte oferecido pela prefeitura local. “Tem! Aqui tem ônibus escolar. Aqui é um pouquinho longe, mas tem o ônibus que leva as “criança” na escola (para médico, escola)”, destacou a caseira.

O transporte difícil e infra-estrutura precária fazem parte da lista de queixas comuns à maioria das caseiras. “Não passa (condução), a rua é muito ruim, lá pra baixo, nossa!!!! Tem buracos enormes, nem de carro direito num dá pra passar”, reclamou Pâmela, que na ocasião da entrevista morava no bairro Santa Mônica. Mesmo Lígia que raramente reclama de problemas nessa questão se contradiz e admite as dificuldades: “É!! Mais de uma hora!! (para chegar ao Tijuco Preto a pé)”<sup>36</sup>.

Em outra fala a mesma caseira que entende que tudo é bom e adequado no bairro disse: “É!! Levava tudo certinho. (não tinha dificuldade no Tijuco Preto)”.

### **Rede de proteção: conquista pentecostal**

As caseiras pentecostais do Tijuco Preto não recorrem à associação de moradores e muito menos aos poderes públicos para enfrentar as dificuldades de infra-estrutura, a falta de hospitais, transporte, educação e emprego. Entretanto, a forte rede de proteção criada nas comunidades pentecostais ajuda a suprir tais carências. Fenômeno semelhante foi observado por alguns dos autores utilizados no presente trabalho, entre os quais Tarducci, Machado e Mariz, em comunidades da periferia de Buenos Aires, Rio de Janeiro, Recife e Campinas (Tarducci, 1994; Machado, 1996; Mariz, 1994/2001). Mariz explica: “A rede de apoio mútuo é um importante instrumento de ajuda para aliviar algumas das lutas dos pobres. O papel dos parentes e vizinhos na rede é estratégico para ajudar o pobre a sobreviver”. (Mariz, 1994, p. 93).

<sup>36</sup> Lígia, anotação no caderno de campo da autora, Jardim São Marcos, Vargem Grande Paulista, 25/03/2006.

Segundo Fry e Howe, com base em literatura e estudos mesmo os migrantes da zona rural – o caso da maioria das caseiras – quando desembarcam em cidades grandes não sofrem um grande choque cultural. Eles têm de antemão conhecimento dos problemas urbanos, obtidos por meio de sua rede de parentesco (Fry e Howe, 1975, p. 85).

As caseiras do Tijuco Preto buscam socorro para suas carências nos irmãos da igreja. No momento do desemprego, na hora de ir ao hospital ou mesmo nas dificuldades impostas por uma doença. Em geral, elas não admitem que precisam de ajuda material.

“Ajuda sim”, disse Pâmela, lembrando que os crentes indicam os freqüentadores da igreja quando estes necessitam de nova colocação no mercado de trabalho. Segundo a jovem crente, há união entre os crentes da Assembléia de Deus no bairro. Heloísa confirma o que disse Pâmela: “Com emprego, se a gente sabe de algum, se alguém precisa, a gente sabe da vaga, a gente avisa, fala”.

As caseiras crentes do Tijuco Preto inclusive confirmam que a igreja dá cestas básicas aos mais necessitados. Heloísa e Lígia contaram que contribuem doando alimentos para compor cestas básicas que vão para os mais pobres:

*Por exemplo, se alguém precisa de uma cesta básica, a gente sabe, comunica com a gente, com a igreja. Comunica, chega no pastor, na mulher do pastor, o que toma conta e daí chega a informação. Se a gente sabe, a gente comunica com eles. Daí a gente faz... Cada um ajuda! Naquilo que pode, de acordo com o alcance da gente, de cada um. Cada um coopera como pode.<sup>37</sup>*

*A gente ajuda ...assim...com cesta. Assim da igreja, mas com aquelas pessoas que estão precisando e vai lá pedir às vezes ela precisa ...<sup>38</sup>*

Flávia disse na época da entrevista que não precisava de ajuda: “Ajudam. Mas eu não preciso, graças a Deus”. No período de doença do marido dela, foram os crentes que contribuíam para repor os alimentos que faltavam em sua despensa:

*Ele teve câncer e aí ficou difícil para mim que tinha que cuidar dele. Mas dentro de casa nunca faltou. Deus não deixou faltar nada. Pessoas traziam caixas de leite e arroz, feijão. Pessoal dava comida. Meu armário de compra era cheio. Tinha que dar para os outros porque a gente não vencia de tanto que ganhava. Os irmãos da igreja davam. Gente que a gente nem conhecia trazia as coisas. O Robertão, o vereador, ajudou bastante. O Marcelo e a Amélia que já faleceu. Arrumava a ambulância para levar meu marido. Muita gente ajudou.*

Clotilde confirma que a igreja ajuda também os doentes: “Se a gente fica sabendo de alguém da igreja, que está doente”. Já Lígia a mais apegada aos preceitos da Assembléia de Deus reforça que nem todos precisam de apoio dos irmãos e que ajuda mais importante é a que vem de Deus. Mas no final do seu discurso, ela volta a afirmar que os irmãos pobres nunca são abandonados:

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Lígia, anotação no caderno de campo da autora, Jardim São Marcos, Vargem Grande Paulista, 23/09/2006.

*Não!! Nem todos precisam de ajuda. Nós temos Deus que tudo pode. Até um. A gente não bebe, a gente não fuma. Hoje tem, graças a Deus. Hoje é assim, nem todos precisam de ajuda, porque nós temos um Deus que tudo pode! Mas “nóis” tá sempre assim ajudando aqueles que precisam. Às vezes até uma pessoa assim chega na igreja e pede ajuda, “nóis” tá ali pra ajudar eles.*

Existe realmente uma rede de proteção entre os evangélicos confirmada pela literatura e pelas caseiras entrevistadas no presente trabalho. Entretanto, o modo de vida pentecostal, com o abandono da bebida, do cigarro e outros vícios do “mundo”, é fator preponderante para transformar a vida das caseiras. Resultado: a harmonia na vida familiar melhora, sobra mais dinheiro no final do mês e os esforços são concentrados no objetivo de vida do crente.

“Feliz!! Sou feliz com meus filhos, esposo, patrões, feliz com a vida”, diz Clotilde. Israel, marido de Heloísa, enfatiza a melhora na vida do crente depois da conversão com o fim dos problemas de qualquer ordem: “Ah!! Eu falo assim porque os “problema”, as “dificuldade”, pra mim, “acabou” tudo. Melhora muito tanto faz, na vida financeira, na vida da gente de doença, de enfermidade. Tudo melhora muito...”.

A vida melhor é definida como uma vida feliz. Assim, as caseiras que no início da pesquisa eram chamadas de abandonadas têm agora apenas um adjetivo para defini-las. São mulheres felizes, contentes, com a família, com a religião, com o emprego e até mesmo fortes para enfrentar as carências da região onde residem.

### **Bibliografia**

BBCBrasil, 9/4/2007. *Vaticano vê mais católico no Brasil que IBGE e CNBB*. [www.institutojetro.com.br](http://www.institutojetro.com.br). Acesso em 05 jan 2008.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica. *Cadernos Ceris*. Rio de Janeiro, ano I, no 2, pp. 43-67, out 2001.

BOBSIN, Oneide. *Trabalhadores protestantes urbanos: religião e ética do trabalho*. Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 1992, 218 p.

\_\_\_\_\_. *Produção religiosa e significação social do pentecostalismo a partir de sua prática e representação*. Mestrado em Ciências de Religião. São Paulo: PUC, 1984, 164 p.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

CÉESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999. [cotianet.com.br/joão Barcellos/009.htm](http://cotianet.com.br/joão_Barcellos/009.htm). Acesso em: 9 fev 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FRY, Henry; HOWE, Gary Nigel. Duas respostas à aflição: Umbanda e Pentecostalismo. *Debate e Crítica*. São Paulo: Hucitec, n. 6, pp. 75-94, 1975.

GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa. “Feminização da pobreza e religiosidade”. In: ALLA, Victor Vicent; STOTZ, Eduardo Navarro; ALGEBAILLE. *Para compreender a pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto-Escola Nacional de Saúde Pública, 2005. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 9 fev 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas-São Paulo: Autores Associados-Anpocs, 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. A Pesquisa. Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidades Eclesiais de Base: Uma análise comparada. *Caderno Ceris*. Rio de Janeiro, ano I, n.2, pp. 11-15, out. 2001.

\_\_\_\_\_. *Coping with poverty*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. Alcoolismo, Gênero e Pentecostalismo. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, pp. 81-93, 1994.

NOVAES, Regina. Os escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania. *Cadernos do Iser* – Instituto de Estudos da Religião – Marco Zero, Rio de Janeiro, São Paulo, n. 19, pp. 1-159, 1985.

PINTO, Leandro Meireles. *A diversificação religiosa e a fuga da Igreja Católica*. Último segundo. [www.ultimosegundo.ig.com](http://www.ultimosegundo.ig.com). Br.17 de abr. de 2007. Acesso em 5 de jan de 2008.

Prefeitura Municipal de Vargem Grande Paulista. <http://www.vargemgrandepaulista.sp.gov.br/> Acesso em: 27 dez 2006.

STOTZ, Eduardo Navarro. “Pobreza e Capitalismo”. In: VALLA, Victor Vicent; STOTZ, Eduardo Navarro; ALGEBAILLE, Eveline Bertino (orgs.) *Para Compreender a pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto-Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.

TARDUCCI, Mônica. O senhor nos libertou. *Cadernos Pagu: Desacordos, desamores e diferenças*. Campinas, n. 3, pp. 143-163, 1994. \_\_

## Anexo1

## Perfil Socioeconômico das caseiras entrevistadas

Caseira	Idade	Estado civil	Nº de filhos/as	Natural	Religião	Tempo de conversão	Profissão/profissão do marido	Escolaridade	Escolaridade pai e mãe	Renda familiar em reais/nº de trabalhadores	Casa própria/nº de quartos/nº de residentes
Clotilde	43	Casada	1/1	Ivatuba (PR)	AD	9 anos	Caseira/caseiro	1º grau incompleto	Analfabeto/analfabeta	960/3	2 quartos/2 pessoas
Lígia	40	Casada	2/1	Ivatuba (PR)	AD	6 anos	Caseira/caseiro	1º grau incompleto	Analfabeto/analfabeta	700/3	Não possui
Joana	43	Separada	1/1	Paranavaí (PR)	Reviver da Paz	7 anos	Empregada doméstica em chácara	1º grau incompleto	Analfabeto/analfabeta	2000/3	3 quartos/3 pessoas
Pâmela	20	Casada	1 filha	Guanabi (BA)	AD	16 anos	Dona-de-casa/pedreiro	1º grau incompleto	1º grau incompleto/analfabeta	1250/1	1 quarto/3 pessoas
Flávia	41	Viúva	1/2 filhas	Guaiambé (SP)	AD	9 anos	Empregada doméstica	1º grau incompleto	Analfabeto/analfabeta	950/1***	1 quarto/3 pessoas
Heloísa	35	casada	1/1 filha	Londrina (PR)	AD	15 anos	Caseira/caseiro	1º grau incompleto	1º grau incompleto/analfabeta	1400/2	Não possui

\*AD – Igreja Assembléia de Deus

\*\*Os nomes das mulheres são fictícios com o objetivo de preservar suas identidades

\*\*\*Parte desse salário vem da pensão do INSS do marido (R\$ 350)